



UC/FPCE __ 2013

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Representações da Violência entre Parceiros Íntimos
em Estudantes Universitários de Coimbra**

Maria do Carmo Antunes Baptista
(mdocarmoab@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de
especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de
especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, sob a
orientação do Professor Doutor Rui Paixão

Representações da Violência entre Parceiros Íntimos em Estudantes Universitários de Coimbra

Resumo: O trabalho aqui reportado tem como objetivo compreender as relações entre o consumo de substâncias, as representações sociais de violência e a violência no namoro entre estudantes do ensino Universitário de Coimbra. Estas relações foram estudadas considerando o efeito das variáveis sexo e área de estudo.

Os resultados evidenciam uma baixa legitimação dos estudantes em relação à violência entre parceiros íntimos. No entanto, uma percentagem desta amostra legitima mais a violência em função de contexto específicos. Quanto ao consumo de substâncias, os resultados evidenciam consumos preocupantes, particularmente ao nível do álcool. Do mesmo modo, os estudantes numa relação íntima evidenciam índices de violência preocupantes, embora estes se limitem a atos de pequena violência. As variáveis sexo e área de formação evidenciam diferenças significativas tanto no consumo de substâncias como nas representações de violência íntima. Na violência entre parceiros íntimos as diferenças só são evidentes no que toca às áreas de formação, sendo que praticamente não existem diferenças entre géneros (apenas na coerção sexual ligeira). O estudo demonstra que é nos consumos de álcool de maior risco que são encontradas crenças de maior legitimidade da agressão e também que os sujeitos que praticam atos de violência entre parceiros íntimos têm crenças mais legitimadoras da violência. O consumo de substâncias, a história familiar de violência e o sexo do sujeito explicam 24,5% da variância das representações sociais de violência.

Palavras-chave: História Familiar; Violência Íntima; Representações Sociais; Consumo de Álcool; Consumo de Drogas; violência no namoro; género; Área de Estudos;

Social Representations of Inter partnership Violence on Coimbra University Students

Abstract: The purpose of this survey is to understand the relationship between alcohol and/or drug consumption habits, beliefs linked to violent partnership behavior, and the perpetuation of violence in dating relationships within a sample of students from the University of Coimbra. These relationships were studied considering the effect of gender and areas of study.

The results of this investigation show low acceptance of relationship violence among the students, although a fraction of the sample seems to accept violent behaviours in relationships more easily depending on the context of the act. Regarding the alcohol and other drugs abuse, the sample shows some alarming levels, specifically on alcohol consumption. The students in an intimate partnership relation show some worrying indices of violence, despite the acts of violence being minor. The gender and area of study showed significant differences both in substance use and in

representations of intimate violence. In intimate partnership violence, differences are only obvious when it comes to area of study and there are almost no gender differences (only in minor sexual coercion). The study shows that it is in the high-risk drinkers that are found greater beliefs of aggression legitimacy. It is also evident that the subjects who are violent in intimate partnership relations are more likely to have beliefs about a greater legitimacy of violence. Finally it was shown that 24.5% of the variance of social representations of violence is explained by substance use, history of family violence and gender.

Keywords: Family history; intimate violence; Social Representations; Alcohol Consumption; Drug Consumption; violence in dating relationship; Gender; Study area;

Agradecimentos

Obrigado...

À madrinha, à Rosa Marina, à Babita e ao Carlos, por me acolherem quando
cheguei à cidade e pela amizade que se formou.

Às amigas da faculdade, Cita, Di e Todos os Outros, que tornaram as horas
de estudo mais agradáveis.

A Todos os que conheci durante estes anos, que me passaram experiências e
me enriqueceram, que me ajudaram a ver o mundo de várias maneiras.

À Dra. Alexandra por uma conversa e ao Dr. Joao Keating pela injeção de
autoconfiança.

Aos meus pais que estiveram sempre presentes.

E por último ao Prof. Dr. Rui Paixao pela orientação da Tese e por me
ensinar o que é a psicologia dinâmica.

Obrigado.

Índice

Introdução.....	1
I- Enquadramento Conceptual.....	1
1.1. Violência Entre Parceiros Íntimos	1
1.2. Representações Sociais da violência íntima entre Parceiros Íntimos ..	3
1.3. Crenças associadas ao Consumo de Substâncias Psicotrópicas e Comportamento agressivo.....	6
II – Objetivos.....	7
III – Metodologia	8
3.1. Estudos.....	8
3.2. Descrição da amostra	8
3.2.1. História Familiar	9
3.3. Instrumentos de Avaliação.....	9
3.3.1. Questionário de informação sociodemográfica.....	10
3.3.2. Escala de Violência nas Relações Íntimas	10
3.3.3. Questionário de Violência Conjugal Histórias.....	10
3.3.4. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução	10
3.3.5. <i>The Alcohol Use Disorders Identification Test</i>	11
3.3.6. <i>The Drug Use Disorders Identification Test</i>	11
3.4. Procedimentos de recolha de dados	11
3.5. Procedimentos estatísticos	12
IV – Resultados	12
4.1. Crenças em torno da violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR).....	12
4.2. Consumo de substâncias Psicotrópicas (AUDIT e DUDIT).....	16
4.3. Violência no Namoro (CTS-2)	19
4.4. Relação entre aceitabilidade da Agressão (QRVC-HIS) e Tipos de Consumo de Álcool (AUDIT).....	22
4.5. Relação entre agressão (CTS-2) e aceitabilidade da agressão (QRVC-HIS).....	22
4.6. Predição da aceitabilidade da Agressão	23
V- Discussão	25
5.1. Crenças relativas à violência Conjugal	25
5.2. Consumo de Substâncias Psicotrópicas	28
5.3. Violência no Namoro.....	30
5.4. Relação entre aceitabilidade da agressão e tipos de consumo de álcool, entre agressão e aceitabilidade da agressão e predição da aceitabilidade da agressão	31
VI- Conclusões.....	32
6.1. Limitações do estudo e Indicações Futuras	32
Bibliografia.....	34

Introdução

A violência Doméstica contra as mulheres teve atenção notória a partir dos anos 60 com o movimento feminista, sendo que desde aí se tornou objeto de forte e crescente atenção social e científica no contexto internacional (Machado, Matos, & Moreira, 2003). Em resposta a esta problemática Portugal, a partir dos anos 80, concentrou-se na criação de redes de apoio às vítimas de violência, ocorrendo alterações legislativas tais como a instituição do crime de maus tratos contra o conjugue e a conversão deste em crime público (Machado et al., 2003). Em Portugal a problemática da violência é assim um assunto em destaque. Segundo os dados da APAV (2000-2011) cerca de 76582 vítimas recorreram a esta instituição entre o ano de 2000 e o ano de 2011. Relativamente às formas que adquirem os maus tratos, aparece em primeiro lugar a agressão psicológica, seguindo-se a agressão física, a violação, a violação de obrigação de alimentos e por fim o abuso sexual como menos frequente (APAV, 2000-2011).

Neste estudo avalia-se o tipo de violência nas relações de namoro de jovens estudantes universitários, pois está documentado que a violência se inicia cedo, logo nas relações de namoro na adolescência (Price & Beyers, 1999). Procura-se também saber se há alguma relação entre o consumo de substâncias tóxicas e as crenças sobre violência entre parceiros íntimos. Por fim tenta-se compreender a relação entre consumo de substâncias e violência propriamente dita nas relações íntimas, tal como documentado por outros autores (Graham et al., 1998). Ao longo do enquadramento conceptual são explicitadas várias correntes teóricas que suportam a ligação entre as situações acima descritas e as variáveis que medeiam ou moderam esta relação, tendo especial atenção, no caso deste estudo, às variáveis sexo e área de formação académica.

O objetivo global do estudo será, assim, aceder a informação sobre crenças, tipo de consumo de substâncias tóxicas e violência nas relações de namoro. Deste modo procura-se conhecer aprofundadamente esta realidade, viabilizando-se eventuais intervenções preventivas no âmbito dos estudantes universitários.

I- Enquadramento Conceptual

1.1. Violência Entre Parceiros Íntimos

O conceito de violência doméstica dominante em Portugal expressa-se na ideia de comportamentos expressos ou omissos que infligem, reiteradamente, sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos, ou económicos, de modo direto ou indireto (por meio de ameaças, enganos, coação ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico ou que, não habitando, seja cônjuge ou companheiro ou ex-cônjuge ou ex-companheiro, bem como ascendentes ou descendentes (APAV). A violência doméstica, assim entendida, engloba todas as situações de abuso que ocorrem de forma cíclica e com intensidade crescente (Alarcão, 2006). Esta violência ocorre tanto em relações heterossexuais

como em relações homossexuais sendo que o agressor, tanto nas relações heterossexuais como nas relações homossexuais (Antunes & Machado, 2005) pode também ser a mulher, embora neste caso os estudos sejam mais escassos.

O ciclo de violência é usualmente descrito em três fases: a fase de acumulação de tensão; a fase do episódio agudo; e a fase de lua-de-mel (Alarcão, 2006). Assim, após a acumulação de ansiedade e hostilidade devido a pequenos episódios de confronto entre a díade a tensão acumulada dá lugar à violência, que é seguida por arrependimento e um pedido de desculpas fazendo-se promessas de não repetição da situação (de seguida retoma-se o ciclo) (Alarcão, 2006). A violência encara também várias tipologias, sendo que pode ter a forma de abuso físico, abuso emocional e abuso sexual. Segundo Alarcão (2006) a violência começa frequentemente por agressões psicológicas (atos como ridicularizar, não prestar atenção, ignorar, rir-se), passando depois para violência verbal (gritos, insultos, culpabilizações, ameaças), que termina na violência física, podendo, nos casos mais graves, ser acompanhada de violência sexual como a violação. Os casos de violência física grave estão fortemente associados com o desemprego, pouca educação, poucos recursos sociais, uso de vários tipos de drogas, sintomas de personalidade antisocial e sintomas de depressão (Magdol, Moffit, Caspi, Newman, & Silva, 1997)

Segundo Price e Beyers (1999) é importante ter em conta, para além da violência nas relações conjugais, a violência nas relações de namoro pois neste tipo de relações a violência também está presente, iniciando-se durante a adolescência. Draucker et al. (2010) identificaram 8 tipologias de atos de violência no namoro em jovens: (1) eventos tumultuosos onde a violência é bidirecional, ainda que com severidade diferente das partes, em que existem terceiros inseridos no contexto de violência e onde existe consumo de substâncias psicotrópicas; (2) eventos explosivos, onde a discussão ocorre devido a um ato explosivo de natureza física (podendo ser por vezes verbal), e é bidirecional apesar de uma das partes atuar de forma defensiva e os terceiros envolvidos poderem aparecer como salvadores; (3) batalhas/confrontos, onde a violência é bidirecional e há uma combinação de abuso verbal com abuso físico pouco grave; (4) violação, atividades sexuais sem o consentimento do outro; (5) ameaças provocadas por ciúmes ou ameaças à relação sendo que as ameaças são de cariz fisicamente violento; (6) controle também provocado por ciúmes ou ameaça à relação e perpetuado por alguém que tem ligação a ex-namorados ou amigos; (7) menosprezo, evento inócuo seguido por uma discussão que se segue de insultos, eventos que ocorrem com frequência na relação; (8) atos como a rejeição, o desprezo e o desrespeito, envolvem um movimento a favor da intimidade que é rejeitado ficando uma das partes magoada sentimentalmente. A agressão física, assim como a agressão psicológica, é frequente nas relações de namoro, se bem que em comparação com a violência conjugal esta se exprima em atos menos graves de violência (na generalidade) (Gelles, 1997; Matos, 2000). No entanto, é importante dar atenção à violência neste tipo de relações pois muitos dos casamentos

abusivos são precedidos de relações de namoro violentas (Matos, 2000). Paiva e Figueiredo (2004), por exemplo, num estudo sobre violência entre estudantes universitários, encontraram prevalência de violência Psicológica em cerca de metade dos alunos (sejam vítimas ou perpetradores) seguindo-se a coerção sexual e o abuso físico sem sequelas. O abuso físico com sequelas foi observado mas em baixa escala. Outros estudos também encontraram prevalências altas de violência verbal (82%) e de violência física (21%) nos jovens (Shook, Gerrity, Jurich, & Segrist, 2000). Como anteriormente referido, estes estudos têm vindo a evidenciar a existência de violência nas relações de namoro, ainda que as formas de perpetuação ligeira se sobreponham em frequência às formas mais severas.

Segundo Lempert (1996) podem ser identificados vários fatores capazes de influenciar o aparecimento, manutenção e resolução das agressões nas relações íntimas, com base no agressor, na vítima, no contexto sociocultural ou familiar e na interação destes elementos. O estudo destes fatores está muito dependente dos modelos teóricos subjacentes. Assim, a perspetiva intraindividual tende a centrar-se nas características do agressor e na personalidade da vítima, enquanto a perspetiva sistémica tende a focar a leitura da violência no contexto das características estruturais da vida familiar e do casamento (Dias, 2004). Dentro desta perspetiva encontra-se a teoria intergeracional da violência, segundo a qual a exposição, na infância, à violência predispõe à vitimização e perpetração da violência nos adultos (Markawaitz, 2001; Jin, Eagle, & Yoskioka, 2007). A abordagem sociocultural centra-se no contexto cultural em que os indivíduos estão inseridos, sendo que este contexto pode influenciar os atos de violência. Segundo Johnson (1995), as sociedades patriarcais fornecem ao homem o direito de controlar as mulheres, recorrendo ao uso sistemático de várias formas de violência, como subordinação económica, ameaças, isolamento entre outras táticas de controlo. Esta abordagem começou a ter relevância com o movimento feminista (Johnson, 1995). No mesmo sentido, Vandello (2003) analisa as culturas de honra, onde o homem é visto como menos honrado, másculo e credível se não exercer força contra a mulher quando esta falha com as suas obrigações domésticas definidas pela cultura. Estas sociedades patriarcais, pautadas por culturas de honra, contribuem para um reforço da violência exercida sobre a mulher (Vandello, 2003).

1.2. Representações Sociais da violência íntima entre Parceiros Íntimos

Moscovici (1972) vê as representações sociais como um conjunto de conceitos, proposições e explicações que são criadas no quotidiano. Estas organizam-se no decurso da comunicação, integrando os mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, tomando a forma do que atualmente chamamos senso comum (Moscovici, 1972). Cada modelo cultural específico é assim composto não apenas por informação individual, idiossincrática e biográfica, mas também por informação culturalmente transmissível ou apreendida, e posteriormente partilhada com outros membros do grupo cultural (Shore, 1996). As representações sociais estão conectadas de forma indiscutível com o comportamento, já que o

influenciam (Moscovici, 1972), orientando os comportamentos e interações humanas (Moscovici, 1961, como citado em Vala, 2004). Porto (2006) considera que a perspectiva analítica das Representações Sociais permite captar os significados que os protagonistas da violência atribuem às suas práticas, chamando a atenção para os dois lados deste fenómeno: o dos contextos que dificultam ou facilitam a violência; e aquilo que a sociedade e as pessoas, em particular, representam ou consideram como sendo violência.

São assim vários os fatores que fazem diferenciar as representações sociais sobre violência íntima, destacando-se: o sexo (Bryant & Spencer, 2003; Caron & Carter, 1997; Kim-Goh & Baello, 2008; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003; Price & Byers, 1999; Stickley, Kislitsyna, Timofeeva, & Vagero, 2008; Wesley & Craig-Henderson, 2006), a cultura (Tehee & Esqueda, 2008; Vandello & Cohen, 2003), a idade (Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003; Stickley et al., 2008), a área de formação (Machado et al., 2003), as experiências de violência na infância (Bryant & Spencer, 2003; Jin et al., 2007; Markawaitz, 2001), atos de violência íntima anteriores (Bryant & Spencer, 2003; Price et al., 1999; Wesley & Craig-Henderson, 2006), ano escolar (Machado et al., 2003; Price et al., 1999), consumo de substâncias (Stickley et al., 2008), educação (Kim-Goh & Baello, 2008; Stickley et al., 2008) e o estado civil (Stickley et al., 2008).

Apesar da generalidade das pessoas apresentar poucas crenças legitimadoras de violência íntima (Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Stickley et al., 2008) existe uma percentagem que a justifica mais. No geral existe maior aceitação da violência quando esta é praticada pela mulher contra o homem (Price et al., 1999). Relativamente à maior ou menor justificabilidade de tipos específicos de violência, a violência sexual é a menos justificável, sendo que quando o agressor é masculino existe maior aceitação da violência psicológica, ao contrário do que acontece quando o agressor é feminino onde a agressão física é a mais justificável (Price et al., 1999). O sexo masculino, usualmente, apresenta crenças que demonstram maior aceitação da violência, ao contrário do que se observa no sexo feminino (Caron & Carter, 1997; Kim-Goh & Baello, 2008; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Stickley et al., 2008). A maior legitimação da violência por parte do sexo masculino está relacionada com o fato destes subscreverem mais a crença de que a violência pode ser justificável em função das condutas da mulher (Machado et al., 2003). Segundo Machado et al. (2003) os homens consideram mais importante preservar a privacidade familiar, atribuem mais a violência a causas externas e minimizam a pequena violência. Ainda neste contexto, Stickley et al. (2008) identificaram a infidelidade, a suspeita de infidelidade, discussões causadas pela mulher e a falha nas lides domésticas como situações em que o sexo masculino aceita melhor a violência contra a mulher, sendo que a infidelidade é uma justificação da violência partilhada por ambos os sexos.

Existem também várias investigações sobre a atribuição de culpa na violência, seja esta atribuição dada a causas internas/externas (Bryant & Spencer, 2003) ou à vítima/agressor (Bryant & Spencer, 2003; Caron &

Carter, 1997; Summers & Feldman, 1984). Summers e Feldman (1984) chegaram à conclusão de que a culpabilização da vítima aumenta com a intimidade da relação, ou seja, é mais provável que os indivíduos culpem a mulher pelo comportamento agressivo do homem, quando estes são casados. Os homens atribuem, com maior probabilidade, culpa à vítima e as mulheres ao agressor (Bryant & Spencer, 2003). Do mesmo modo, a violência menos grave e a violência mais severa estão correlacionadas com a atribuição de culpa a fatores situacionais (Bryant & Spencer, 2003). Os homens, neste caso, tendem também a atribuir a violência a fatores externos, fora do controle do agressor (Machado et al., 2003). Relativamente à agressão sexual e violação, são também os homens que têm maior probabilidade de atribuir culpa à vítima, sendo menos negativos na percepção dos raptos e, por conseguinte, mais tolerantes quanto a este tipo de agressão (Caron & Carter, 1997).

No que toca aos restantes fatores, segundo Machado et al. (2003), os indivíduos com formação na área das ciências exatas tendem a justificar mais a violência comparativamente com o que acontece nas outras áreas de formação. No caso específico da Psicologia verifica-se uma menor justificabilidade da violência. Também em relação aos anos de escolaridade se verifica uma diminuição da legitimação da violência em função dos anos de formação (Machado et al., 2003) sendo que os anos escolares mais altos justificam menos a violência física e sexual cometida por rapazes e a violência física cometida por raparigas (Price & Byers, 1999). No mesmo sentido, os indivíduos com níveis baixos de educação têm duas vezes mais probabilidade de ser a favor da violência (Jim-Goh & Baello, 2008; Machado et al., 2010; Stickley et al., 2008). No que concerne ao experienciar violência na infância, vários estudos encontram correlações positivas desta variável com atitudes a favor da violência, relacionando-se esta também com a frequência da violência (Vandello & Cohen, 2003) e com a atribuição da culpa a fatores sociais (Bryant & Spencer, 2003).

Os indivíduos com historial de violência íntima tendem a atribuir a culpa à vítima (Bryant & Spencer, 2003), e a ser mais favoráveis a estes comportamentos de violência e menos punitivos no julgamento de agressores (Wesley & Craig-Henderson, 2006). No estudo de Jin et al. (2007) 21,9% da variância na violência conjugal é explicada pelas atitudes favoráveis à violência e pela exposição à violência na família de origem. Nas culturas onde a honra é valorizada, a violência doméstica tende a ser reforçada, particularmente nas situações específicas de infidelidade conjugal. Nestes casos, o homem é visto como menos honrado, menos másculo e credível, passando a violência a constituir-se como um meio aceitável para a restituição da honra (Vandello, 2003). Estas diferenças culturais são notórias no estudo de Tehee e Esquerda (2008) que compara americanos indianos com americanos europeus. Constatam os autores que as diferenças incluem os termos da definição sobre o que é violência, a sua ocorrência/deteção histórica, a atribuição de causas, as estatísticas sobre violência e a efetividade do sistema legal. Nayak et al., (2003) encontrou, também, diferenças nas atitudes sobre a violência em quatro países (EU, Japão,

Kuwait e Índia) tendo encontrado atitudes mais negativas sobre violência na Índia, no Japão e no Kuwait.

1.3. Crenças associadas ao Consumo de Substâncias Psicotrópicas e Comportamento agressivo

A associação entre comportamento agressivo e intoxicação por substâncias psicoativas é conhecida há muitos anos e em diversas culturas (Graham et al., 1998). Tornou-se ainda mais relevante quando se constatou que metade dos indivíduos presos por agressão consumiram álcool e/ou drogas na altura em que cometeram a agressão (Graham et al., 1998). Entre os indivíduos que consomem álcool, metade bebe por mais de 6 horas antes do ato de agressão, consumindo cerca de dez bebidas (Greenfield et al., 1998). Segundo Fals-Stewart (2003) a probabilidade de existência de violência física cometida contra as mulheres aumenta oito vezes em dias de consumo de álcool pelo agressor, sendo que a probabilidade de violência física severa pode aumentar até onze vezes nestas situações.

A relação entre consumo de substâncias e violência tem sido estudada, procurando-se saber: o papel da intoxicação e das expectativas na determinação do comportamento agressivo; a existência de características individuais que predispõem os indivíduos à agressão, quando sob efeito destas substâncias; a compreensão de determinantes situacionais que influenciam o comportamento agressivo de sujeitos intoxicados; e por fim a existência de formas específicas de agressão (Graham et al., 1998). Destes estudos, vários foram os fatores encontrados que influenciam a relação entre consumo de substâncias e violência íntima, destacando-se: a presença de crianças e/ou terceiros no cenário da agressão (Hutchison, 1999), as crenças sobre aceitabilidade da violência (Kantor & Straus, 1987), a violência nos dias de consumo (Fals-Stewart, 2003; Thompson & Kingree, 2004), história de abuso sexual infantil (Schneider, Burnette, Ilgen, & Timko, 2009), perturbações psicológicas (Mignone, Klostermann, & Chen, 2009; Schneider et al., 2009), o nível socioeconómico (Kantor & Straus, 1987; Stalans & Ritchie, 2008) e outros fatores sociodemográficos como a raça (Stalans & Ritchie, 2008), e o género (Mignone et al., 2009; Thompson & Kingree, 2004).

MacAndrew e Edgerton (1969) deram início a uma perspetiva sobre o consumo de álcool e violência em que o período de intoxicação era visto pela sociedade como um período em que as punições sociais comuns não se aplicavam (*time out*). Teorias que seguem uma perspetiva semelhante falam do *deviance disavowal* onde um indivíduo se permite a um comportamento agressivo atribuindo a culpa ao álcool, não se responsabilizando pelo ato em causa (Zhang, Welte, & Wieczorek, 2002). Zhang et al. (2002) referem também que a ligação entre álcool e violência não provém apenas das consequências da bebida em si, sendo que é de valor atribuir significância às crenças sociais e/ou individuais sobre as consequências da bebida, ou seja, sobre o comportamento a ter sob efeito de substâncias. As expectativas sobre a relação entre o álcool e a agressão variam assim de país para país e de cultura para cultura (MacAndrew & Edgerton, 1969). A chave destas teorias

está na crença individual e/ou social de que o álcool é causa direta de comportamentos violentos, na sociedade que vê um ato violento sob efeito de substâncias como mais desculpável do que um ato violento perpetrado por alguém que não consome e, por fim, nas expectativas que o indivíduo tem sobre a diminuição da culpa quando estes atos são cometidos aquando da intoxicação por substâncias (Graham et al, 1998). Existem também, por outro lado, perspectivas que enfatizam os efeitos farmacológicos do álcool no funcionamento cerebral, nomeadamente as respostas a ameaças percebidas, punições, e recompensas esperadas que são alteradas pela droga (Pihl & Peterson, 1995). É hipotetizado nestas teorias que o álcool, através do neurotransmissor GABA, reduz os efeitos do medo e ansiedade, inibidores do ato agressivo, aumentando assim a probabilidade dos indivíduos intoxicados responderem agressivamente (Warneke, 1991).

Segundo Stickle et al. (2008), os homens que consomem álcool consideram a violência um problema menos sério. A combinação de fatores como o estatuto socioeconómico desfavorecido, o consumo de substâncias e atitudes favoráveis à justificação da violência, estão também ligados a maior probabilidade de ocorrência de atos violentos (Kantor & Straus 1987). Fals-Stewart (2003) encontrou, também, relações de maior violência em dias de consumo de álcool, sendo que esta aumenta em dias de *heavy drinking e binge drinking* (Greenfield et al., 1988).

Não só o consumo de álcool mas também o abuso de drogas ilegais aparece ligado à violência íntima (Kyriacou et al., 1999), embora estas surjam frequentemente associado ao consumo abusivo de álcool (Greenfield et al. 1998). A cocaína, o crack, a heroína, os estimulantes e a marijuana são as drogas mais identificadas nos estudos sobre violência doméstica (Boles & Miotto, 2003). Relativamente ao tipo e à frequência do consumo de drogas nas vítimas femininas de violência íntima, El-Bassel, Gilbert, Wu, Go e Hill (2005) identificam num estudo longitudinal relações significativas entre o uso frequente de crack, marijuana e cocaína e este tipo de abuso. Referem também que a experiência de violência doméstica poderá levar ao consumo de substâncias como heroína, crack, marijuana e cocaína, sugerindo que a frequência de consumo e a violência mantêm uma relação bidirecional.

II – Objetivos

a) Estudo descritivo em estudantes do ensino superior de Coimbra, das seguintes variáveis: violência íntima nas relações atuais; crenças associadas à violência íntima (aceitabilidade da agressão); consumo de substâncias (álcool e drogas).

b) Estudo das justificações associadas à violência íntima considerando como preditores o consumo de substâncias, o sexo, a área de estudo e a história de violência familiar;

c) Avaliação das relações entre: crenças sobre a agressão e comportamento agressivo; crenças sobre agressão e tipos de consumo de álcool.

III – Metodologia

3.1. Estudos

Num primeiro estudo recorreu-se à análise descritiva das crenças associadas à violência íntima, do consumo de substâncias (álcool e drogas) e da violência entre parceiros íntimos. De seguida, através do teste *one way ANOVA* e do teste *t de student*, estudaram-se para os vários questionários do protocolo (AUDIT, DUDIT, CTS-2, QVC-CMR e QRVC-HIS) as diferenças relativas às variáveis sociodemográficas (sexo e área de estudo). Posteriormente, através do teste *one way ANOVA* relacionaram-se variáveis como justificabilidade da agressão e tipos de consumo de álcool e justificabilidade da agressão e prevalência de violência entre Parceiros íntimos. Por fim, realizou-se uma regressão hierárquica, considerando como preditores o sexo, a área de estudo, o consumo de substâncias (álcool e drogas) e a história familiar de violência, de forma a prever a variância explicada na justificabilidade da agressão.

3.2. Descrição da amostra

A Tabela 1 sumaria as características sociodemográficas dos indivíduos. A amostra foi recrutada nas diferentes instituições de ensino superior da cidade de Coimbra (Ensino Superior Público Universitário, Ensino Superior Público Politécnico e Ensino Superior Privado Universitário) e é constituída por 350 sujeitos com uma média de idade nos 21,75 anos ($DP=2,588$). De referir, também, que 52% dos sujeitos se encontram numa relação atual, enquanto 48% estão solteiros.

Tabela 1. Características sociodemográficas (N=350)

	<i>n (%)</i>
Idade	21,75 (M); 2.59 (DP)
Sexo	
Feminino	201 (54,73)
Masculino	149 (42,57)
Ano Escolar que frequenta	
1ºano	64 (18.3)
2ºano	71 (20.3)
3ºano	80 (22.9)
4ºano	70 (20)
5ºano	64 (18.3)
6ºano	1 (0.3)
Área de estudos	
Psicologia	81 (23,1)
Direito e Ciências Sociais	86 (24,6)
Tecnologia	101 (28,9)
Outras áreas	82 (23,4)
Relacionamentos	

Numa relação	182 (52)
Solteiro	168 (48)
Recolha de Dados	
Internet	121 (34,6)
Presencialmente	229 (65,4)

3.2.1. História Familiar

A Tabela 2 refere-se à história familiar dos sujeitos da amostra enquanto crianças e adolescentes. Relativamente ao testemunho de abusos físicos entre os Pais/cuidadores durante a infância/adolescência dos sujeitos, cerca de 10% dos sujeitos afirmam ter assistido a este tipo de violência, sendo que 36,9% afirmam ter assistido a situações de violência verbal entre os pais/cuidadores. Quanto ao papel de vítima de violência enquanto criança/adolescente, cerca de 38,6% dos sujeitos afirmam ter sofrido de violência física, enquanto 20% afirma ter sido vítima de violência verbal.

Tabela 2. Características da história familiar da amostra (N=350)

Testemunho de Violência Física entre Pais/cuidadores	n (%)
Não	315 (90)
Sim, mas raramente	28 (8)
Sim, com grande frequência	7 (2)
Sim Total	35 (10)
Testemunho de Violência Verbal entre Pais/Cuidadores	
Não	221 (63,1)
Sim, mas raramente	93 (26,6)
Sim, com grande frequência	36 (10,3)
Sim Total	129 (36,9)
Vítima de Castigos Físicos pelos pais/cuidadores	
Não	215 (61,4)
Raramente	120 (34,3)
Com grande frequência	15 (4,3)
Sim Total	135 (38,6)
Vítima de Violência verbal pelos pais/ cuidadores	
Não	280 (80)
Sim, mas raramente	58 (16,6)
Sim, com grande frequência	12 (3,4)
Sim Total	70 (20)

3.3. Instrumentos de Avaliação

O protocolo aplicado inclui um questionário de informação sociodemográfica, a Escala de Violência nas Relações Íntimas (*The Revised Conflict Tactic Scales – CTS-2*), o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS), o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), o *The Alcohol Use Disorders*

Identification Test (AUDIT) e o *The Drug Use Disorders Identification Test* (DUDIT). De seguida serão descritos de forma detalhada estes instrumentos.

3.3.1. Questionário de informação sociodemográfica

Este questionário permite obter informação sociodemográfica do participante e caracterizar sumariamente a informação transgeracional dos cuidadores. Permite, também, sintetizar o padrão de consumo de substâncias da amostra assim como a justificabilidade maior ou menor de violência sob o efeito de substâncias.

3.3.2. Escala de Violência nas Relações Íntimas

Esta escala (*The Revised Conflict Tactic Scales* – CTS-2; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996; Paiva & Figueiredo, 2002) destina-se a avaliar o modo como os casais resolvem os seus conflitos, através de estratégias de negociação ou de abuso. Engloba fatores de negociação emocional e cognitiva, de agressão psicológica, de agressão física, de coerção sexual e de abuso físico com sequelas, sendo que cada um destes fatores se divide em abusos severos e ligeiros. É constituída por 78 itens agrupados em pares de perguntas destinadas ao participante e ao companheiro perfazendo um total de 78 questões. Para amostras não clínicas o CTS-2 apresenta dois tipos de cotação: a prevalência e a cronicidade. A prevalência indica quando um ou mais atos de violência foram praticados durante o último ano, permitindo esclarecer a percentagem de indivíduos com comportamentos agressivos ou vítimas de agressão. A cronicidade consiste na soma do número de vezes que os atos agressivos ou as situações de vitimização ocorreram (só pontuando nesta escala aqueles que cometeram pelo menos um ato de violência). Permite, assim, perceber a frequência da vitimização/agressão durante o último ano.

3.3.3. Questionário de Violência Conjugal Histórias

Este teste (QRVC-HIS; Alarcão, Alberto, Correia, & Camelo, 2007) é constituído por três histórias sobre três casais. Para cada uma das histórias existem dez afirmações, em relação às quais o respondente deve indicar o grau de concordância usando uma escala tipo Likert de 4 pontos (1 “discordo totalmente” até 4 “concordo totalmente”). O objetivo das histórias é perceber as representações sociais dos sujeitos quanto à legitimação ou banalização que fazem do fenómeno em estudo. A legitimação e/ou banalização da violência conjugal, a legitimação/justificação da violência pela conduta da vítima, a legitimação/justificação da violência por fatores externos, a desvalorização/aceitação da violência em favor da privacidade/coesão familiar, e por último a (im)possibilidade de atribuição da violência ao agressor em função do seu estatuto social, económico e escolaridade, são os cinco fatores teóricos considerados na elaboração do QRVC-HIS.

3.3.4. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução

Este questionário (QVC-CMR; Alberto, Alarcão, Camelo, & Correia, 2007) é composto por três conjuntos de afirmações, relativos aos fatores que contribuem para o aparecimento da violência, para a sua manutenção e para a sua resolução. Para cada conjunto de afirmações, os respondentes têm que identificar as 5 afirmações com que concordam mais. As afirmações presentes em cada um dos conjuntos de fatores podem ser agrupadas em três tipos: afirmações relacionadas com o agressor, com a vítima e com o exterior (filhos, família e sociedade em geral).

3.3.5. The Alcohol Use Disorders Identification Test

Este teste (AUDIT; Babor, Higgins-Biddle, Saunders, & Monteiro, 2001) é constituído por 10 questões relacionadas com o consumo de álcool e avalia domínios como consumo de risco de álcool, sintomas de dependência e o abuso prejudicial para a saúde. Permite identificar quatro níveis de risco: o primeiro nível refere-se a um risco mínimo ou a abstinência; o segundo nível consiste no consumo de álcool em excesso, mas com pouco risco para a saúde; o terceiro nível considera-se perigoso e prejudicial, no entanto pode ser controlado por um breve aconselhamento e por monitorização; o último nível sugere a indicação a especialistas para um futuro diagnóstico e tratamento de dependência de álcool. A pontuação do examinando é igual à soma das cotações dos vários itens administrados, sendo a pontuação mínima 0 e a pontuação máxima de 40 pontos.

3.3.6. The Drug Use Disorders Identification Test

Esta prova (DUDIT; Berman, Bergman, Palmstierna, & Schlyter, 2003) é constituída por 11 questões relacionadas com o uso de drogas (ex., canabinoides, anfetaminas, derivados da coca, opiáceos, alucinogénios, inalantes/solventes, sedativos e analgésicos) e tem por objetivo a identificação de indivíduos com problemas relacionados com estas substâncias. O teste permite identificar indivíduos que sofrem atualmente de um problema de abuso de substâncias e indivíduos que se encontram numa zona de risco, diferenciando-os dos que não apresentam um problema relacionado com o abuso de substâncias. A pontuação final da prova é a soma das cotações dos vários itens administrados. A pontuação mínima possível é 0 e a máxima é 44.

3.4. Procedimentos de recolha de dados

A amostra foi recrutada através de dois procedimentos: *online* e em contexto presencial. O grupo *online* foi recrutado através de uma página na internet (*Facebook*). Nesta página os objetivos da investigação eram explicados bem como era esclarecido qual o papel dos participantes e dos investigadores na investigação, conferindo particular destaque à confidencialidade dos dados obtidos. Para poderem colaborar no estudo os indivíduos tinham que ser estudantes do ensino superior em Coimbra. Na página de *Facebook* criada era fornecido o *link* que o indivíduo tinha que aceder para preencher online os questionários caso optasse por participar. O questionário foi elaborado com o *software Lime Survey* (Schmidt, 2006).

Aos indivíduos que foram recrutados em contexto presencial foi-lhes explicado pessoalmente os objetivos da investigação salientando a confidencialidade dos dados. Depois de informados os indivíduos interessados em participar assinaram o consentimento informado, sendo então fornecidos os enunciados de resposta para os diferentes questionários. A amostra foi recolhida entre Maio e Julho de 2012.

3.5. Procedimentos estatísticos

Para avaliar o tipo de distribuição nas subamostras em estudo (sexo e área de estudos) para os índices obtidos no QVC-HIS, no QRVC-CMR, no CTS-2, no AUDIT e no DUDIT recorreu-se ao teste de Kolmogorov-Sminorv (K-S), uma vez que o número de sujeitos tanto do sexo feminino como do sexo masculino assim como os sujeitos das 4 áreas de estudos envolvem um $n > 50$. Para avaliar o pressuposto de homogeneidade foi utilizado o teste de *Levenne*.¹

Apesar dos pressupostos de normalidade não serem cumpridos em algumas variáveis e dos pressupostos de homogeneidade também não serem cumpridos em alguns dos questionários, optou-se por uma análise paramétrica, visto os pressupostos mais importantes, como a colinearidade, para a regressão hierárquica não serem violados.

O tratamento estatístico dos dados foi efetuado através do *Statistical Package for Social Science* – SPSS versão 17.0 para *Windows*.

IV – Resultados

4.1. Crenças em torno da violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR)

Analisou-se descritivamente o QRVC-HIS (Tabela 3), sendo a amostra dividida em dois subgrupos, consoante o género. Concluí-se que o subgrupo masculino legitima mais a violência em todas as histórias tendo uma média na história total de 50.89 (DP=9.10) que se encontra acima da média do subgrupo feminino (M= 40.76; DP=9.10). Através da comparação das médias destes dois subgrupos verifica-se que tanto na História 1 [$t(348) = 7.339, p < .001$], como na História 2 [$t(348) = 5.459, p < .001$], como na História 3 [$t(348) = 7.214, p < .001$], como na história Total [$t(348) = 7.390$,

¹ A normalidade da distribuição das subamostras é assegurada no QVC-HIS na variável sexo, no AUDIT no subgrupo feminino e na área de estudo "outras áreas". É também assegurado no CTS-2 nos itens da agressão psicológica ligeira, da agressão física ligeira e da coerção sexual ligeira (tanto no subgrupo masculino como no subgrupo feminino) e na agressão psicológica severa (apenas para o grupo masculino). A normalidade da distribuição foi considerada como não sendo violada devido aos valores de *Skewness* e *Kurtosis* se encontrarem no intervalo [-2;2] e por isso poderem ser considerados aceitáveis.

Relativamente ao pressuposto da homogeneidade das variâncias, este é assegurado no AUDIT em todos os subgrupos, e no CTS-2 nos itens Negociação Emocional e Cognitiva, Agressão Psicológica Ligeira, Agressão Física Severa e no Abuso físico com sequelas ligeiro e severo. Estes subgrupos são assim homogéneos em ambos os questionários sendo que os valores do teste de *Levenne* não são significativos ($p > .05$).

$p < .001$], as diferenças entre os grupos são estatisticamente significativas. Confirma-se, assim, a maior legitimação por parte do sexo masculino no que se refere aos atos de violência entre parceiros íntimos. Tanto o grupo masculino como o grupo feminino legitimam mais a violência na história dois, que se refere a um casal de idosos em que o homem é a vítima, seguindo-se a história 3 que se refere a um contexto de intoxicação por álcool em que a mulher é a vítima, e por último a história 1 referente a uma situação de violência, num contexto socioeconómico alto, em que a mulher é a vítima.

Tabela 3. Análise descritiva das respostas ao QVC-HIS por sexo

	História 1	História 2	História 3	Hist. Total
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Feminino	12.77 (2.72)	15.07 (4.50)	12.91 (3.24)	40.76 (9.10)
Masculino	16.14 (5.08)	18.12 (5.6)	16.62 (5.62)	50.89 (14.78)
Amostra Total	14.20 (4.24)	16.37 (5.21)	14.49 (4.78)	45.07 (12.85)

Quanto à análise descritiva do QRVC-HIS no grupo Área de Estudos (Tabela 4), constata-se que é a área de Tecnologia que mais justifica a agressão ($M=50.346$; $DP= 13.814$) e que a área que menos aceita a agressão é a de Psicologia ($M= 38.592$; $DP= 8.545$). Tal como na análise a partir da variável sexo, a violência é mais justificada na História 2, seguindo-se a História 3 e por fim a História 1. Excetua-se neste caso a área de Psicologia onde a história 3 é menos justificada. Esta história, recorde-se, inclui o consumo abusivo de álcool.

Tabela 4. Análise Descritiva das Respostas ao QRVC-HIS por Área de Estudos

	História 1	História 2	História 3	Hist. Total
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Psicologia	12.407 (2.805)	13.901 (3.979)	12,284 (2.916)	38.592 (8.545)
Direito e Ciências sociais	13.848 (3.989)	16.407 (4.990)	14.220 (4.088)	44.476 (11.624)
Tecnologias	15.930 (4.596)	18.019 (5.407)	16.396 (5.424)	50.346 (13.814)
Outras áreas	14.231 (4.475)	16.768 (5.459)	14.609 (5.168)	45.609 (13.624)

Através da comparação das medidas (Tabela 5) verificam-se diferenças entre os grupos em todas as histórias, incluindo a História Total [$F(4.346) = 14.044$, $p < .05$]. A partir de uma análise *post hoc* chega-se à conclusão que apenas a área de Direito e Ciências Sociais comparada com Outras Áreas, não é significativa para a História total. O mesmo acontece na História 1 e na História 2 na área de Tecnologia e Outras Áreas. É assim possível concluir que a área de Psicologia justifica muito menos a agressão em todas as Histórias, incluindo a História Total, do que a área de Tecnologia.

Tabela 5. One-Way ANOVA para Área de estudo

	gl	F	Sig.
--	----	---	------

História 1	Intergrupos	3	11.568	.000
	Intragrupos	346		
História 2	Intergrupos	3	10.336	.000
	Intragrupos	346		
História 3	Intergrupos	3	12.299	.000
	Intragrupos	346		
Hist. Total	Intergrupos	3	14.044	.000
	Intragrupos	346		

Para a análise descritiva do QVC-CMR tomou-se como referência os 3 fatores mais assinalados. Assim os sujeitos da amostra assinalam como causas da violência doméstica (Tabela 6), “o álcool e as drogas” (81.7%), a “doença mental do agressor” (56.9%) e a “existência de antecedentes de violência” (63.4%), não havendo diferenças entre sexo nas escolhas mais assinaladas. Quanto às áreas de estudo (Anexo I, Tabela 7) os estudantes de Psicologia referem como principal causa da violência conjugal os “antecedentes de violência” (77.8%), seguindo-se o “consumo de álcool e drogas” (72.8%) e por fim a “baixa autoestima do agressor” (58%). Tanto a área do Direito e Ciências Sociais (83.7%), como a área das Tecnologias (83.2%) e as Outras Áreas (86.6%) consideram o “consumo de álcool e drogas” como primeira causa para a violência. As áreas do Direito e Ciências sociais (57%) e as Outras Áreas (64.6%) consideram os “antecedentes de violência” como segunda causa mais provável da violência e a “doença mental do agressor” como a terceira causa, com 55.5% e 57.3% respetivamente. Por último, a área de Tecnologia refere como segunda causa da violência a “doença mental do agressor” (57.5%) e como terceira as “relações extraconjugais” e os “antecedentes de violência” (56.4%).

Tabela 6. Causas da Violência Conjugal por género (QVC-CMR)

	Masculino N (%)	Feminino N (%)	Total N (%)
Causas			
Álcool e Drogas	125 (83.9)	161(80.1)	286(81.7)
Doença Mental do Agressor	82 (55)	117(58.2)	199(56.9)
Baixo grau de instrução do agressor	61 (40.9)	49(24.4)	110(31.4)
Baixa autoestima do agressor	50 (33.6)	95(47.3)	145(41.4)
Doença Mental da Vítima	24 (16.1)	25(12.4)	49(14)
Comportamento provocador da Vítima	35 (23.5)	21(10.4)	56(16)
Fragilidade emocional Da vítima	40 (26.8)	78(38.8)	118(33.7)
Interferência de outros Familiares	21 (14.1)	22(10.9)	43(12.6)
Problemas/ Dificuldades criados pelos filhos	11 (7.4)	10(5)	21(6)
Relações extraconjugais	76 (51)	70(34.8)	146(41.7)
Antecedentes de violência	81 (54.4)	141(70.1)	222(63.4)
Aceitação social da violência	42 (28.3)	63(31.3)	105(30)
Isolamento Social	38 (25.5)	62(30.8)	100(28.6)
Dificuldades económicas	72 (48.3)	77(38.8)	149(42.6)

No que toca aos fatores de manutenção da violência doméstica (Tabela 8) os três fatores mais escolhidos pelos sujeitos da amostra são a “ausência de denúncia” (83.7%), o “medo de retaliações” (58.3%) e “as promessas de mudanças por parte do agressor” (72.9%). Não há diferenças entre os sexos. Relativamente às áreas de estudo (Tabela 9), as quatro áreas demonstram resultados semelhantes apontando como causa mais provável para a manutenção da violência a “ausência de denúncia” (Psicologia, 81.5%; Direito e Ciências Sociais, 76.7%; Tecnologias, 86.1%; Outras Áreas, 90.2%), seguindo-se o “medo de retaliações” (Psicologia, 59.3%; Direito e Ciências Sociais, 61.6%; Tecnologias, 58.4%; Outras Áreas, 57.3%) e por fim a “ternura do agressor fora dos momentos de violência” (Psicologia, 74.1%; Direito e Ciências Sociais, 69.8%; Tecnologias, 72.3%; Outras Áreas, 75.6%).

Tabela 8. Fatores de manutenção da violência conjugal por género (QVC-CMR)

	Masculino	Feminino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Ausência de denúncia	126 (84.6)	167 (83.1)	293 (83.7)
Falta de confiança na justiça	71 (47.7)	78 (38.8)	149 (42.6)
Valorização da união Familiar	31 (20.8)	37 (18.4)	68 (19.4)
Existência de filhos	59 (39.6)	92 (45.8)	151 (43.1)
Isolamento Social	61 (40.9)	76 (37.8)	137 (39.1)
Falta de conhecimento da Vitima Sobre como pedir ajuda	55 (36.9)	58 (28.9)	113 (32.3)
Ambivalência da vítima face ao agressor	35 (23.5)	71 (35.3)	106 (30.3)
Medo de retaliações	90 (60.4)	114 (56.7)	204 (58.3)
Desconhecimento da vítima Sobre os seus direitos	22 (14.8)	22 (10.9)	44 (12.6)
Ameaça de suicídio por parte do agressor	30 (20.1)	36 (17.9)	66 (18.9)
Promessas de mudança	103 (69.1)	152 (75.6)	255 (72.9)
Ternura do agressor fora dos momentos de violência	59 (39.6)	92 (45.8)	151 (43.1)

As resoluções mais apontadas pelos estudantes do ensino superior de Coimbra (Tabela 10) incluem "a estimulação à denúncia" (88.9%) seguindo-se a "proteção da vítima e dos filhos" (78.6%) e por fim o "afastamento do agressor" (60.3%). As respostas dos sujeitos masculinos assemelham-se às respostas totais. No entanto, os sujeitos femininos escolhem a "necessidade de maior condenação dos agressores" (56.2%) ao invés do "afastamento do agressor". Os três fatores apontados como menos passíveis de resolver este problema são: "melhorar as condições socioeconómicas" (17.7%), "aumentar o tempo de lazer das famílias" (10.3%) e "aumentar os direitos das mulheres" (8.3%). Os sujeitos masculinos classificam o "tratamento do casal" (21.5%) como menos importante que a "melhoria das condições socioeconómicas". No que concerne às áreas de estudo (Anexo I; tabela 11),

o fator de resolução que refere a “estimulação da denúncia” é identificado pela área de Psicologia (95.1%), pela área de Tecnologia e pelas Outras Áreas (89%) como o fator mais importante. O segundo fator mais importante, comum a todas as áreas, é a “necessidade de proteger a vítima e os filhos” (87.7%; 64%; 73.4%; 74.4% respetivamente). A forma de resolução que se concerne ao “afastamento do agressor” é indicada como terceira melhor forma de resolução pela área de Tecnologia (63.4%) e pelas Outras Áreas (64.6%). A “necessidade de informação da população geral” é apenas referida pela área de Psicologia, como terceiro fator mais preponderante (60.5%). Já a “condenação de mais agressores” também é apenas escolhida pela área de Direito e Ciências Sociais, aparecendo também no lugar de terceiro fator.

Tabela 10. Fatores de resolução da violência conjugal por género (QVC-CMR)

	Masculino	Feminino	Total
	n (%)	n (%)	n (%)
Resolução			
Afastar o agressor	105 (70.5)	106 (52.7)	211 (60.3)
Condenar mais agressores	82 (55)	113 (56.2)	195 (55.7)
Estimular a denúncia	123 (82.6)	188 (93.5)	311 (88.9)
Estimular a separação/Divórcio	37 (24.8)	36 (17.9)	70 (20.9)
Proteger a Vítima e os filhos	109 (73.2)	166 (82.6)	275 (78.6)
Mudar o comportamento da vítima	40 (26.8)	54 (26.9)	94 (26.9)
Tratar o agressor	75 (50.3)	92 (45.8)	167 (47.7)
Tratar o casal	32 (21.5)	55 (27.4)	87 (24.9)
Informar mais a população geral	66 (44.3)	110 (54.7)	176 (50.3)
Melhorar as condições socioeconómicas das famílias	35 (23.5)	27 (13.4)	62 (17.7)
Aumentar os direitos da mulher	8 (5.4)	21 (10.4)	29 (8.3)
Aumentar os tempos de lazer das famílias	21 (14.1)	15 (7.5)	36 (10.3)

4.2. Consumo de substâncias Psicotrópicas (AUDIT e DUDIT)

As substâncias psicoativas mais consumidas, ou alguma vez consumidas, pelos 350 sujeitos da amostra (Anexo II; Tabela 12) são o Álcool (89.4%) seguindo-se o tabaco (54.3%), Marijuana (30.9%), Haxixe (22.6%), Analgésicos (5.4%), Ecstasy (4%), tranquilizantes (3.4%), cocaína (3.4%) e por fim ácidos (2.6%) e cogumelos (2.6%). A percentagem de sujeitos masculinos que consomem ou já consumiram as referidas drogas é superior à percentagem de sujeitos femininos nessas condições, com exceção da cocaína, dos tranquilizantes e dos analgésicos. Relativamente ao consumo de álcool a área de Tecnologia apresenta os consumos mais altos (95%), seguindo-se a área de Direito (90.3%) e a área de Psicologia (85.2%) sendo que por último ficam as Outras áreas (82.9%). Quanto ao consumo de Marijuana, são as Outras áreas que apresentam uma percentagem mais

elevada (36.6%) assim como a área de Tecnologia (36%) sendo que Psicologia é a que apresenta consumos mais baixos (23.5%) (Anexo II; Tabela 13)

Quanto ao consumo específico de álcool (Tabela 14) e através da análise do AUDIT, cerca de 224 (64%) sujeitos da amostra encontram-se na zona I, sendo que esta é uma zona de menor risco. A Zona II, caracterizada pela necessidade de uma advertência, abarca cerca de 29,1 % (n=102) dos sujeitos. Na zona III, caracterizada como sendo uma zona de risco em que para além da advertência é sugerido um breve aconselhamento e monitorização, encontram-se cerca 11 (3.1%) sujeitos da amostra. A zona correspondente à necessidade de referência a um especialista para diagnóstico e tratamento (Zona IV, de maior risco), inclui 13 sujeitos (3.7%). Recorrendo à análise descritiva entre géneros (149 sujeitos do sexo Masculino e 201 sujeitos do sexo Feminino), verifica-se que as diferenças ocorrem essencialmente nas zonas de maior risco (Zona III e Zona IV) em que a percentagem de sujeitos masculinos (4% na zona III e 7.4% na Zona IV) é superior à percentagem de sujeitos femininos (2.5% na zona III e 1% na Zona IV). A maioria dos sujeitos Femininos encontra-se, portanto, na Zona de menor risco (71.1%).

Tabela 14. Análise Descritiva de consumo de Álcool por sexo (AUDIT)

Amostra	Masculino		Feminino		Total	
	(N= 149)		(N=201)		(N=350)	
	n	%	n	%	N	%
Consumo						
Zona I	81	54.3	143	71.1	224	64
Zona II	51	34.2	51	25.4	102	29.1
Zona III	6	4	5	2.5	11	3.1
Zona IV	11	7.4	1	1	13	3.7

Relativamente à pontuação total do AUDIT é notório que a média de respostas do subgrupo masculino (M=8.671; DP= 6.796) é superior à do subgrupo feminino (M= 5.597; DP= 4.717). A média do subgrupo masculino encontra-se na Zona II e a média do subgrupo Feminino encontra-se na Zona I, sendo esta diferença estatisticamente significativa [t (348) = 4.993, p<.001]

Considerando as áreas de estudo, verifica-se que é a área de Tecnologia que apresenta uma média mais elevada, e a única que se encontra na Zona II (M= 8.712; DP= 6.99), seguindo-se a área de Direito (M=6.558; DP= 5.372) e as Outras áreas (M= 6.682; DP= 5.397) e por fim a área de Psicologia com consumos mais baixos (M=5.246; DP= 4.765). Estas diferenças são estatisticamente significativas [F (4, 346) = 5.674, p <.05].

Através da comparação de médias e da análise *Post Hoc* chega-se à conclusão que estas diferenças apenas não são significativas quando se compara Psicologia com Direito e com Outras Áreas e quando se compara Direito com Outras Áreas. Todas as outras relações são significativas sendo

de ressaltar que existem diferenças estatisticamente significativas entre a área de Psicologia e a área de Tecnologia.

Pode-se ainda verificar, numa análise mais pormenorizada por perigo de consumo (Tabela 15), que as áreas de estudo que apresentam consumos de maior risco e por isso na zona IV, são as áreas de Tecnologia (6.93%) e as outras áreas (3.65%).

Tabela 15. Análise Descritiva de consumo de Álcool por Área de estudo (AUDIT)

	Psicologia	Tecnologia	Direito	Outras áreas
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Consumo				
Zona I	60 (74.07)	51 (50.49)	60 (69.76)	53 (64.63)
Zona II	17 (20.98)	38 (37.62)	22 (25.58)	25 (29.26)
Zona III	2 (2.46)	5 (4.95)	3 (3.48)	1 (1.21)
Zona IV	2 (2.46)	7 (6.93)	1 (1.16)	3 (3.65)

Por fim, analisando o DUDIT (Tabela 16), verifica-se que 7.4% da amostra consome drogas de forma prejudicial, embora apenas um dos sujeitos apresente com grande probabilidade dependência de uma ou mais substâncias psicoativas. Tal como no consumo de Álcool, também aqui se verifica uma maior percentagem de sujeitos do sexo masculino nas categorias de maior consumo e, por conseguinte, mais prejudiciais à saúde.

Tabela 16. Análise descritiva de consumo de Drogas para a variável sexo (DUDIT)

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Tipo de Consumo						
Sem Perigo	136	91.3	187	93	323	92.3
Abuso	12	8.1	14	7	26	7.4
Dependência	1	0.7	0	0	1	0.3

Também no grupo Masculino ($M= 2.147$; $DP= 3.953$), e embora nenhuma das médias represente risco para a saúde, a média é superior ao grupo Feminino ($M=1.328$; $DP=2.837$), sendo também esta diferença significativa [$t(348) = 2.152$, $p < 001$].

Relativamente à área de estudo (Tabela 17), a área com médias mais altas no consumo de substâncias é a área de Tecnologia ($M=2.257$; $DP=3.509$), seguindo-se as Outras Áreas ($M=1.987$; $DP= 4.229$), a área de Direito e Ciências Sociais ($M=1.430$, $DP=2.784$) e, por fim, a área de Psicologia onde se observam os consumos mais reduzidos ($M=.901$, $DP= 2.610$). Através do teste *One-Way Anova* verificam-se diferenças

significativas entre as diversas áreas [F (4, 346) = 2.848, $p < .05$], mais especificamente entre Psicologia e Outras áreas e Psicologia e Tecnologia.

Apesar de nenhuma das médias das áreas de estudo representar riscos para a saúde, cerca de 9.75% dos alunos de outras áreas apresentam possíveis problemas com drogas, assim como 8.13% dos alunos de Direito, 7.92% dos alunos de Tecnologias e 3.70% dos alunos de Psicologia (Tabela 19.)

Tabela 17. Análise Descritiva do consumo de Drogas por variável Área de estudo (DUDIT)

	Psicologia N (%)	Tecnologia N (%)	Direito CS, S N (%)	Outras N (%)
Tipo de Consumo				
Sem Perigo	78 (96.29)	93 (92.07)	79 (91.86)	73 (89.02)
Abuso	3 (3.70)	8 (7.92)	7 (8.13)	8 (9.75)
Dependência				1 (1.21)

4.3. Violência no Namoro (CTS-2)

Quanto ao CTS-2, questionário sobre violência íntima, apenas foram contabilizados os sujeitos que se encontravam numa relação atual ($n=182$; tabela 18). Destes sujeitos 98.4 % pontuam de forma positiva na escala de negociação emocional, sendo que uma igual maioria de sujeitos (97.3%) também pontua positivamente na escala de negociação cognitiva. Dos vários tipos de agressão, é a agressão psicológica ligeira que concentra a maior percentagem de sujeitos, sendo que 74.2% dos sujeitos cometeram em média 10.48 (DP=15.65) atos deste tipo de agressão no último ano. O segundo tipo de agressão mais praticado pelos sujeitos da amostra é o abuso físico ligeiro (26.9%), no entanto a sua frequência média ($M=1.7$ e $DP=4.6$) é substancialmente menor que a frequência da agressão psicológica. A coerção sexual ligeira entra como o terceiro ato de violência mais praticado pela amostra com cerca de 25.3% dos sujeitos tendo cometido em média 3.39 (DP=7.97) vezes esta agressão durante o último ano. Por último, segue-se a agressão psicológica severa (18.7%), o abuso físico severo (5.5%), abuso físico com sequelas ligeiro (4.9%), abuso físico com sequelas severo (3.3%) e coerção sexual severa (2.7%) (Tabela 18; Anexo III- Tabela 19). Quanto às diferenças entre sexos, as mulheres agressoras cometeram mais atos no último ano de agressões físicas tanto ligeiras ($F= 31.1\%$ e $M=19\%$), como severas ($F= 5.9\%$ e $M=4.8\%$) e ainda com sequelas severas ($F=42\%$ e $M=1.6\%$). O grupo masculino apresenta maior prevalência nas agressões envolvendo coerção sexual tanto ligeira ($F= 20.2\%$ e $M=34.9\%$), como severa ($F= 0.8\%$ e $M=6.3\%$) e na agressão psicológica severa ($F= 14.3\%$ e $M=27\%$).

Tabela 18. Análise Descritiva da violência no namoro por sexo (Prevalência Agressores- CTS-2)

Amostra	Masculino (N= 63)		Feminino (N= 119)		Total (N= 182)
	N	%	N	%	%

Negociação					
Emocional	62	98.4	117	98.3	98.4
Cognitiva	61	96.8	116	97.5	97.3
Agressão Psicológica					
Ligeira	46	73	89	74.8	74.2
Severa	17	27	17	14.3	18.7
Abuso Físico					
Ligeiro	12	19	37	31.1	26.9
Severo	3	4.8	7	5.9	5.5
Coerção Sexual					
Ligeira	22	34.9	24	20.2	25.3
Severa	4	6.3	1	0.8	2.7
Abuso Físico c/Sequelas					
Ligeiro	4	6.3	5	4.2	4.9
Severo	1	1.6	5	4.2	3.3

Através da comparação estatística das médias chega-se à conclusão de que apenas na coerção sexual ligeira a diferença entre as médias, do grupo feminino e do grupo masculino, é estatisticamente significativa [$t(348) = 2.080, p < .001$]. A amostra é assim semelhante no que toca ao género quando se fala de violência íntima.

No que concerne à área de estudo (Tabela 21), existem diferenças estatisticamente significativas entre as diversas áreas de estudo apenas no item negociação cognitiva [$F(4, 178) = 3,507, p < .05$] e abuso físico ligeiro [$F(4, 178) = 3,102, p < .05$]. Ao analisar o CTS-2 em termos de prevalência da agressão (Tabela 20), existe maior percentagem de sujeitos da área de Psicologia (87%) a cometer atos de violência, seguindo-se a área de Tecnologia (82.6%), as Outras áreas (75.6%) e com menos incidência de violência a área de Direito e Ciências Sociais (65.9%). Dentro da escala de negociação de conflitos, pode-se perceber que na subescala de Negociação Cognitiva, a percentagem de sujeitos de Psicologia (98.1%) é superior à percentagem de estudantes de Direito (90.2%) sendo que esta diferença é estatisticamente significativa. Na subescala de abuso físico ligeiro, existem também diferenças entre Psicologia (37%) e Direito (12.2%), assim como entre Direito (12.2%) e Outras Áreas (34.1%), sendo que estas diferenças também se mostram significativas após a realização do teste *one-way Anova* (Tabela 23). No total da escala também se encontram diferenças estatisticamente significativas (Tabela 21) entre Psicologia (87%) e o Direito e Ciências Sociais (55.9%). Apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas nas restantes subescalas é importante analisá-las para compreender que tipos de violência são mais utilizados por cada área de estudo. Na subescala agressão Psicológica severa são as Outras Áreas que pontuam mais alto (26.8%). No abuso físico Ligeiro é a Psicologia que apresenta a maior percentagem (37%) sendo que no abuso físico severo são as Outras Áreas (9.8%). Na coerção sexual ligeira é a área de Tecnologia que obtém maior percentagem (32.6%) e na coerção sexual

severa são as Outras Áreas (4.9%). Por fim, no abuso físico com sequelas ligeiro são as Outras Áreas que pontuam mais alto (9.8%) e no abuso físico com sequelas severo a área de Psicologia.

Tabela 20. Análise Descritiva da violência no namoro por área de estudo (Prevalência Agressores- CTS-2)

Amostra	Psicologia		Direito e CS		Tecnologia		Outras Áreas	
	N	%	N	%	n	%	N	%
Negociação								
Emocional	54	100	39	95.1	46	100	40	97.6
Cognitiva	53	98.1	37	90.2	46	100	41	100
Agressão Psicológica								
Ligeira	45	83.3	25	61	35	76.1	30	73.2
Severa	7	13	5	12.2	11	23.9	11	26.8
Abuso Físico								
Ligeiro	20	37	5	12.2	10	21.7	14	34.1
Severo	3	5.6	1	2.4	2	4.3	4	9.8
Coerção Sexual								
Ligeira	13	24.1	9	22	15	32.6	9	22
Severa	2	3.7	0	0	1	2.2	2	4.9
Abuso Físico c/Sequelas								
Ligeiro	2	3.7	1	2.4	2	4.3	4	9.8
Severo	3	5.6	0	0	1	2.2	2	4.9
Total	47	87	27	65.9	38	82.6	31	75.6

Tabela 21. One-Way ANOVA por variável área de estudo (CTS-2)

		gl	F	Sig.
Negociação				
Emocional	Intragrupos	3	1.495	.218
	Intergrupos	178		
Cognitiva	Intragrupos	3	3.507	.017
	Intergrupos	178		
Agressão Psicológica				
Ligeira	Intragrupos	3	2.094	.103
	Intergrupos	178		
Severa	Intragrupos	3	1.648	.180
	Intergrupos	178		
Abuso Físico				
Ligeiro	Intragrupos	3	3.102	.028
	Intergrupos	178		
Severo	Intragrupos	3	.755	.521
	Intergrupos	178		
Coerção Sexual				
Ligeira	Intragrupos	3	.603	.614
	Intergrupos	178		

Severa	Intragrupos	3	.691	.558
	Intergrupos			
Abuso Físico c/Sequelas				
Ligeiro	Intragrupos	3	.920	.432
	Intergrupos	178		
Severo	Intragrupos	3	.915	.435
	Intergrupos	178		
Total	Intragrupos	3	2.337	.075
	Intergrupos	178		

4.4. Relação entre aceitabilidade da Agressão (QRVC-HIS) e Tipos de Consumo de Álcool (AUDIT)

Através da análise *one-way ANOVA* constata-se que as diferenças entre os vários tipos de consumo de álcool, no que toca à justificabilidade da violência, são significativas [F (3, 347) = 8.782, $p < .05$]. Através da análise *Post-Hoc* (Tabela 22) percebe-se que apenas não existem diferenças significativas entre as zonas de maior consumo (Zona III e Zona IV). Encontra-se assim maior justificabilidade da violência nas zonas de maior consumo quando comparadas com as zonas de consumos mais baixos.

Tabela 22. Análise Post-Hoc (História Total e AUDIT)

		Diferença das Médias	Sig.
Zona I	Zona II	-3.50061*	.019
	Zona III	-13.66193*	.000
	Zona IV	-12.61298*	.000
Zona II	Zona I	3.50061*	.019
	Zona III	-10.16132*	.011
	Zona IV	-9.11237*	.013
Zona III	Zona I	13.66193*	.000
	Zona II	10.16132*	.011
	Zona IV	1.04895	.837
Zona IV	Zona I	12.61298*	.000
	Zona II	9.11237*	.013
	Zona III	-1.04895	.837

4.5. Relação entre agressão (CTS-2) e aceitabilidade da agressão (QRVC-HIS)

A amostra foi dividida em dois grupos, 39 sujeitos que afirmam nunca ter cometido nenhum tipo de violência, e 143 sujeitos que afirmam ter cometido pelo menos um tipo de violência. Esta divisão tem como objetivo compreender até que ponto os sujeitos que já cometeram pelo menos um ato de violência justificam mais ou menos a agressão do que os sujeitos que afirmam nunca ter cometido atos de violência. Através do teste t para amostras independentes, verifica-se que apenas na História 1 existem diferenças significativas entre estes dois grupos [$t(180) = -2.121$, $p < .001$] estas diferenças são reafirmadas através do valor de robustez d de Cohen ($d = -.419$) com efeito aproximadamente moderado.

4.6. Predição da aceitabilidade da Agressão

Procurou-se averiguar os preditores da justificabilidade da agressão, tomando como referência o já evidenciado noutros estudos (Bryant & Spencer, 2003; Caron & Carter, 1997; Kim-Goh & Baello, 2008; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003; Price & Byers, 1999; Stickley, Kislitsyna, Timofeeva, & Vagero, 2008; Wesley & Craig-Henderson, 2006; Machado et al., 2003; Bryant & Spencer, 2003; Jin et al., 2007; Markawaitz, 2001; Stickley et al., 2008). Assim, são considerados como preditores o sexo, o consumo de álcool e outras drogas, as histórias de violência como vítima e/ou Testemunha na infância e adolescência, e a área de estudos dos sujeitos respondentes.

Recorre-se a um modelo de regressões múltiplas do tipo hierárquico. A ordem de colocação dos blocos é feita através de informação de pesquisas anteriores: o primeiro bloco inclui a variável sexo do sujeito, o segundo bloco o consumo de álcool (valores do AUDIT), o terceiro bloco o consumo de Drogas (valores do DUDIT), o quarto bloco as histórias passadas e por fim, no último bloco, a área de estudos. Desta forma é possível verificar que variância do modelo é explicada por cada variável assim que é inserida no modelo. Para a variável área de estudos são utilizadas *dummies* visto se tratar de uma variável com 4 categorias.

De acordo com os dados que constam na tabela 23 na primeira regressão hierárquica relativa ao sexo dos sujeitos, o primeiro bloco partilha uma porção estatisticamente significativa (15.2%) da variância da aceitabilidade da agressão [$R^2=.152$; $F(1,348) = 62.470$, $p < .001$]. Ao adicionar ao modelo a variável consumo de álcool (AUDIT) a variabilidade explicada passa para 19.9% sendo esta também estatisticamente significativa [$R^2=.199$; $F(2,347) = 43.120$, $p < .001$; $\Delta F(2, 347) = 20.305$, $p < .01$], esta variável explica mais 4,7% da variância da aceitabilidade da agressão [$R^2=.047$]. O preditor consumo de drogas acrescenta ao modelo mais 1.5% no que toca à explicação da variância [$\Delta R^2=.015$]. Com a entrada deste preditor no modelo, este continua a ser estatisticamente significativo, aumentando a variância explicada para 21,4% [$R^2=.214$; $F(3,346) = 31.421$, $p < .001$; $\Delta F(3, 346) = 6.625$, $p < .05$]. No quarto modelo a variância imposta pelas histórias de violência na infância e adolescência não é significativa [$\Delta R^2=.007$, $p < .05$; $\Delta F(7, 342) = .007$, $p < .05$], no entanto a variância explicada pelo modelo continua semelhante, continuando este a ser significativo [$R^2=.221$, $F(7,342) = 13.873$, $p < .001$]. Por fim, no modelo composto por todas as variáveis preditoras e onde se acrescentam as variáveis Dummy área de estudo, obtemos uma explicação da variância de 24.5 % [$R^2=.245$, $F(10,339) = 10.978$, $p < .001$], sendo que individualmente esta variável explica 2.3% da variância [$\Delta R^2=.023$, $p < .005$; $\Delta F(10, 339) = 3.510$, $p < .05$].

Para determinar o valor preditivo de todas as variáveis em estudo no modelo final recorreu-se à análise dos coeficientes de regressão estandardizados. O preditor que tem maior peso na função de regressão é o

sexo do sujeito [$\beta = -.279$, $p < .001$; $t(10, 339) = -4.985$, $p < .001$] seguindo-se a área de Psicologia vsz Tecnologia [$\beta = .185$, $p < .01$; $t(10, 339) = 2.710$, $p < .01$], depois a área de Psicologia vsz Outras Áreas [$\beta = .172$, $p < .01$; $t(10, 339) = 2.900$, $p < .01$], o consumo de álcool [$\beta = .149$, $p < .01$; $t(10, 339) = 2.703$, $p < .01$] e por fim o consumo de Drogas [$\beta = .121$, $p < .05$; $t(10, 339) = 2.235$, $p < .05$]. Todos os outros preditores não têm um valor β e t significativo apesar de contribuírem para a variância na aceitabilidade da agressão. Após a compreensão do nível de variância que cada variável contribuí para o modelo chega-se à conclusão de que o modelo explica 24.5% da variância no que toca à aceitabilidade da agressão com $t(10, 228) = 21.198$, $p < .001$.

Tabela 23. Predição da aceitabilidade da agressão (QRVC-HIS total)

Variáveis	B	SE B	β	R ²	ΔR^2	F	ΔF
Passo 1				.152	.152	62.470	62.470***
Constante	50.893	.971					
Sexo	-10.131	1.282	-.390***				
Passo 2				.199	.047	43.120	20.305***
Constante	46.648	1.335	***				
Sexo	-8.627	1.292	-.332***				
AUDIT	.490	.109	.224***				
Passo 3				.214	.015	31.421	6.625*
Constante	46.759	1.325					
Sexo	-8.635	1.281	-.333***				
AUDIT	.345	.121	.158				
DUDIT	.530	.206	.139*				
Passo 4				.221	.007	13.873	.774
Constante	46.649	1.446					
Sexo	-8.579	1.296	-.330***				
AUDIT	.346	.122	.159				
DUDIT	.515	.208	.135*				
VVFa	-.3909	2.249	-.091				
VVb	.714	1.442	.027				
TVFc	.459	1.340	.017				
TVVd	.240	1.694	.007				
Passo 5				.245	.023	10.978	3.510*
Constante	42.600	2.010					
Sexo	-7.248	1.454	-.279***				
AUDIT	.327	.121	.149**				
DUDIT	.461	.206	.121*				
VVF ^a	-4.074	2.228	-.095				
VVb ^b	.835	1.428	.031				
TVF ^c	.441	1.328	.017				
TVV ^d	.143	1.680	.004				
P-T ^e	5.252	1.938	.185**				
P-D ^f	3.140	1.809	.105				
P-O ^g	5.217	1.799	.172**				

*p<.05, **p<.01, ***p<.001; ^a Vítima de violência Física na infância e adolescência; ^b Vítima de Violência Verbal na infância e adolescência; ^c Testemunha de Violência Física na infância e adolescência; ^d Testemunha de Violência Verbal na infância e adolescência; ^e Área de Psicologia vsz Área de Tecnologia; ^f Área de Psicologia vsz Área de Direito e Ciências Sociais; ^g Área de Psicologia vsz Outras áreas.

V- Discussão

5.1. Crenças relativas à violência Conjugal

Relativamente às crenças sobre violência (QRVC-HIS) a amostra total apresenta pouca aceitação da violência como aliás já evidenciado noutros estudos (Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Stickley et al., 2008). Apesar de não se terem estudado as diferenças entre ano escolar, esta baixa aceitação de violência pode dever-se ao maior nível de formação dos alunos. A maturação decorrente da idade, a saída de casa e o confronto com novos contextos (com novas ideias e relações) que advém desta situação podem também contribuir para mudar as atitudes relativas ao contexto em estudo. Por último, podem também ter contribuído para estes resultados o problema da deseabilidade social e a crescente atenção crítica que os *mass media* têm dedicado a este assunto. No entanto, existe uma percentagem da população que legitima mais a violência como existem também crenças mais legitimadoras na história 2 (história entre casal de idosos em que o homem é a vítima), seguindo-se a história 3 (história que envolve consumo de substâncias) e por fim a história 1 (história que envolve família de estatuto-social elevado). No que respeita à história 2 pode-se tentar compreender esta maior legitimação da violência em função do facto de ser praticada contra *um* homem. Segundo Price et al. (1999) este tipo de violência é mais aceite pela sociedade em geral, porque a violência física perpetuada pela mulher é levada menos a sério e também porque a violência quando praticada pela mulher é muitas vezes vista como forma de retaliação (Makepeace, 1986) ou de defesa, o que é visto como uma forma de violência mais aceitável (Lagerspetz & Westman, 1979). A Violência da mulher contra o homem é também menos conhecida e menos estudada e por isso menos visível, o que contribuí para a diminuição da perceção do ato violento (Sarantakus, 1999). Para além desta possível explicação, existem também autores que consideram que a violência é menos percecionada com o avançar da idade do casal (Kantor & Jasinski, 1998).

A justificação atribuída à história 3 (onde aparecem consumos abusivos de álcool) pode estar relacionada com valores culturais, que desresponsabilizam o agressor quando este está sob efeito de substâncias como o descrito nesta história (MacAndrew & Edgerton, 1969). Lagerspetz e Westman (1979) defendem também que a violência é usualmente mais aceite quando o ato é feito sob estados emocionais alterados (sob o efeito do álcool, por exemplo) mas apenas em determinadas situações (como gritos, uso de ironia, ataques de raiva e obstruções).

A menor legitimidade da violência na história 1 (onde o contexto violento ocorre numa família de estatuto socioeconomico alto) pode estar relacionada com as crenças de que apenas nas famílias desfavorecidas a Representações da Violência entre Parceiros Íntimos em Estudantes Universitários de Coimbra

violência ocorre. Estudos como o de Casimiro (2002) demonstram discursos de vítimas femininas de franjas sociais altas que se pautam pela contenção, reserva, modo analítico e racionalidade. Este controlo das emoções associado ao ideal da razão privilegia a aparência normalizadora o que leva aos demais a ter crenças de inexistência de violência nestes contextos e por isso provavelmente a legitimar menos a violência. Quando comparadas as crenças de legitimidade da violência por géneros, é inegável a menor legitimação do sexo feminino, algo já esperado devido à diversidade de estudos anteriores que chegam a esta conclusão (Caron & Carter, 1997; Kim-Goh & Baello, 2008; Machado et al., 2003; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Stickley et al., 2008). Apesar de Portugal já não ser claramente uma cultura de honra, tal como descrita por Vandello (2003), esta forma de pensar patriarcal e masculinizada ainda está de algum modo enraizada na nossa cultura. Isto explica a maior aceitação da violência pelo género masculino e a menor aceitação da violência pelo género feminino nas histórias onde a mulher é a vítima. Contrariando esta ideia, na História 2 (onde o agressor é uma mulher) a violência feminina é mais justificada, isto pode dever-se tanto ao fato da amostra ser jovem (e por isso menos influenciada pela sociedade de honra) como ao que foi explicado anteriormente sobre as razões de maior justificabilidade nesta história. No entanto, no que toca à sequência de maior/ menor legitimação da violência, não existem diferenças entre os géneros.

Relativamente às áreas de estudo é a área de Tecnologia que mais justifica a violência, seguindo-se as Outras Áreas, a área de Direito e Ciências Sociais e por fim Psicologia como a área que menos justifica a violência. No estudo de Machado et al. (2003) encontraram-se também diferenças semelhantes de justificabilidade da agressão entre Ciências Exatas e Psicologia, corroborando de certa forma os dados encontrados neste estudo. Diferenciando-se da sequência atrás apresentada de maior/menor legitimação de violência, é na história 3 relativa ao consumo de substâncias que a Psicologia obtém os valores de menor legitimação. Quanto à menor aceitabilidade de comportamentos violentos pela área da Psicologia, uma possibilidade explicativa é o fato de no percurso formativo destes estudantes serem abordadas estas problemáticas, desenvolvendo uma sensibilidade diferente para o assunto. No entanto, estas diferenças entre áreas de formação, pelo menos entre Psicologia e Tecnologia, podem estar de certo modo ligadas à prevalência de género em cada área, visto a área de Tecnologia ser maioritariamente masculina, nesta amostra.

Quanto às causas (QVC-CMR) apontadas para a violência conjugal, a amostra no geral, aponta como causa mais importante os “antecedentes de violência”. Existem dados de estudos anteriores que documentam que a vitimização ou testemunha de eventos de violência na infância pode ter como consequência papéis de vitimização ou perpetuação na idade adulta (Bryant & Spencer, 2003; Jin et al., 2007; Markawaitz, 2001). A segunda causa mais apontada é o “consumo de álcool e drogas”. Vários estudos semelhantes ao de Stickley et al. (2008) mostram que a violência é mais

aceitável quando cometida sob efeito de substâncias e por isso o senso comum crê que esta ocorre mais nestes momentos de intoxicação, até porque existe uma desculpabilização cultural do agressor tanto individual como societal (Zhang, Welte, & Wiczorek, 2002). A “baixa autoestima do agressor” foi apontada como terceira causa. Estudos como o de Walker e Bright (2009) apresentam um modelo onde os agressores têm uma falsa e aumentada autoestima. A violência é assim vista como uma resposta masculinizadora que permite a expressão dos sentimentos do agressor quando este se sente ameaçado, restituindo assim o seu estatuto social de força e orgulho. Pode-se compreender que a amostra no geral atribui as causas da violência conjugal ao agressor.

O sexo feminino e o sexo masculino não diferem de opinião relativamente às causas da violência conjugal o que demonstra um conhecimento igualitário quanto às causas, fatores de manutenção e de resolução da violência conjugal.

Quanto às áreas de estudo, a Psicologia não difere da amostra global. Tanto a área de Direito e Ciências Sociais, como a área de Tecnologias e as Outras Áreas consideram o “consumo de álcool e drogas” como primeira causa para a violência. As áreas de Direito e Ciências Sociais e as Outras Áreas consideram os “antecedentes de violência” como segunda causa mais provável da violência e a “doença mental do agressor” como a terceira causa. Por último, a área de Tecnologia refere como segunda causa da violência a “doença mental do agressor” e como terceira as “relações extraconjugais”, referidas na literatura como justificação da violência aceite de igual modo por homens e mulheres (Stickley et al., 2008).

Relativamente aos fatores de Manutenção os três mais indicados pelos sujeitos da amostra, não havendo diferenças entre sexos são: “ausência de denúncia”, “medo de retaliações” e por último as “promessas de mudanças por parte do agressor”. Eckstein (2011) no seu estudo encontra razões para a manutenção da relação que passam por esperança num possível futuro e desculpabilizações constantes do agressor. Aproximadamente metade da amostra deste estudo mostra também preocupações sobre o que o agressor pode fazer se a vítima sair de casa (Eckstein, 2011). A “ausência de denúncia” pode estar assim relacionada com o “medo de retaliações” por parte do agressor.

No que concerne às áreas de estudo, os dois primeiros fatores mais indicados foram semelhantes aos acima apresentados (tendo a área de Tecnologia maior percentagem no fator “ausência de denuncia” e a área de Direito maior percentagem no fator “medo de retaliações”), apenas diferindo ao apresentar como terceiro fator a “ternura do agressor fora dos momentos de violência” (maior percentagem de alunos de Outras Áreas). Esta “ternura do agressor fora dos momentos de violência” faz parte integrante do ciclo de violência apresentado no enquadramento teórico, que explica o porquê de esta ser cíclica (Alarcão, 2006).

Quanto aos fatores de resolução mais apontados pelos estudantes temos a “estimulação à denúncia” seguindo-se a “proteção da vítima e dos filhos” e por fim o “afastamento do agressor”. Estes fatores estão de certo

modo relacionados com as respostas dadas nos fatores de manutenção. Isto é, os sujeitos da amostra ao acharem que a “ausência de denúncia” leva à perpetuação da violência apontam como fator de resolução a estimulação desta. Ao apontarem, também, como fator de manutenção o “medo de retaliações”, seguindo a lógica da asserção anterior referem a “proteção da vítima e dos filhos” como segunda medida mais importante. Ao analisar as causas concluí-se que a amostra no geral culpa o agressor e no seguimento desta crença é compreensível a necessidade do “afastamento do agressor” que é referida como terceiro fator.

As respostas dos sujeitos masculinos assemelham-se às respostas totais, no entanto os sujeitos femininos fazem referência à “necessidade de maior condenação dos agressores” ao invés do “afastamento do agressor”. Esta diferença de intensidade da medida estará provavelmente relacionada com a maior vitimização de mulheres ao longo dos anos, o que as faz querer medidas mais concretas de eficiência contra a violência.

Quanto às áreas de estudo, o fator de resolução que refere a “estimulação da denúncia” foi referido pela área de Psicologia, pela área de Tecnologia e pelas Outras Áreas como o fator mais importante. O segundo fator mais importante, comum a todas as áreas, foi a “necessidade de proteger a vítima e os filhos”. A forma de resolução que se concerne ao “afastamento do agressor” foi indicada como terceira melhor forma de resolução pela área de Tecnologia e pelas outras áreas. A “necessidade de informação da população geral” foi apenas referida pela área de Psicologia, como terceiro fator mais preponderante. Estes estudantes, eventualmente por questões de formação, possuem um maior conhecimento e capacidade crítica sobre o assunto o que os alerta para a necessidade de “maior informação da população geral”. Já a condenação de mais agressores também foi apenas escolhida pela área de Direito e Ciências Sociais sendo também colocada como terceiro fator. Isto poderá também ser facilmente explicável por esta área ser essencialmente composta por estudantes de direito, que segundo a sua formação é no tribunal que a justiça é feita.

5.2. Consumo de Substâncias Psicotrópicas

Os resultados mostram-se elevados quando se pergunta aos alunos se já tinham consumido pelo menos uma vez as substâncias a seguir descritas. De fato, a esmagadora maioria da amostra já consumiu álcool, metade da amostra já consumiu tabaco, e à volta de um quarto da amostra já consumiu marijuana e haxixe. A percentagem de substâncias alguma vez consumida é superior no grupo masculino. Relativamente à formação é a área de Tecnologia que apresenta maiores consumos de álcool. No que toca ao consumo de outras drogas, as Outras Áreas assim como a área de Tecnologia apresentam maiores consumos de Marijuana, sendo que os consumos mais altos da área de Direito e Ciências Sociais dizem respeito ao haxixe. A área de Psicologia é a que apresenta menores consumos de substâncias acima referidas, excetuando-se o álcool e o tabaco (todas as áreas apresentam para estas duas substâncias resultados semelhantes). No entanto, as diferenças

observadas nos consumos de drogas podem estar associadas à variação do número de sujeitos do sexo masculino e feminino nos diferentes cursos.

Quando se fala realmente de intensidade e tipos de consumos de Álcool, uma elevada percentagem de jovens (35.9%) consome álcool em excesso, sendo que 6,8% se encontram em zonas de risco. As diferenças entre géneros são apenas visíveis nas zonas de maior risco onde os consumos do género masculino são substancialmente maiores que os consumos do sexo feminino. Relativamente às áreas de formação, é a área de Tecnologia que apresenta consumos mais elevados situando-se a sua média numa zona de risco. Todas as outras áreas situam-se na Zona 1, sem riscos para a saúde, sendo de ressaltar que a área de Psicologia é a que apresenta consumos mais baixos. Relativamente ao consumo de outras Drogas 7.4% da amostra consome de forma prejudicial. Tal como acontece no consumo de álcool, são superiores os consumos masculinos. No que respeita às áreas de estudo os resultados são também semelhantes no consumo de álcool, sendo a área de Tecnologia a que apresenta maiores consumos e a área de Psicologia a que apresenta consumos mais baixos. Apesar de não haver dados normativos para a população Portuguesa do questionário AUDIT, numa revisão de estudos sobre abuso de substâncias nos Estados Unidos, Prendergast (2010) reporta que pelo menos 90% dos estudantes bebe uma vez por ano e que 20% a 40% tem consumos de riscos dependendo da localidade onde foi feito o estudo e da definição de abuso de substâncias. Segundo esta revisão, a droga de escolha dos estudantes é o álcool seguindo-se a marijuana e por fim a cocaína (Prendergast, 2010). O que se assemelha de certa forma aos resultados apresentados com exceção do consumo de cocaína. Um relatório da ESPAD mostra que os consumos de substâncias nos estudantes Portugueses estão dentro da média europeia (no consumo tabágico, no consumo de cannabis, no consumo de outras drogas ilícitas, no consumo de tranquilizantes sem prescrição médica e no volume de álcool consumido no último dia de consumo) apenas nos episódios de *heavy drinking*, no consumo de álcool nos últimos 30 dias e no consumo de inalantes pontuam abaixo da média da ESPAD. Segundo a comparação de dados da ESPAD na investigação de 2007 para a de 2011, Portugal aumentou nos consumos de Tabaco, uso de cannabis e outras drogas ilícitas e o uso de inalantes, diminuindo apenas no consumo de álcool. Neste relatório são também notórios os maiores consumos por parte do sexo masculino (ESPAD, 2011). Apesar destes estudos terem sido feitos em estudantes com 15/16 anos servem de indicadores para a amostra aqui em análise.

As evidências mostram que muitos dos alunos continuam a ignorar os perigos do abuso frequente de álcool e, mais preocupante ainda, muito destes alunos consideram estes padrões normativos. O consumo elevado de álcool está associado a problemas preocupantes de várias ordens e pode servir como indicador de problemas na idade adulta. Os dados obtidos evidenciam a necessidade de intervenção nesta área não só ao nível regional (Coimbra), mas também ao nível nacional e Europeu.

5.3. Violência no Namoro

Quanto à violência no namoro, teve-se em conta apenas os sujeitos que se encontram numa relação, apesar da amostra ter diminuído, os resultados não deixam de servir como indicadores para a população estudantil. A maioria dos sujeitos pontua positivamente na escala de negociação emocional e cognitiva mostrando capacidades para lidar com as situações de crise no casal. No entanto, notam-se percentagens elevadas e preocupantes de violência nos estudantes do ensino superior de Coimbra. Mais de metade dos sujeitos admitem cometer pelo menos um ato de agressão psicológica ligeira, sendo que um quarto afirma cometer atos de violência física ligeira assim como coerção sexual ligeira. Com uma percentagem também elevada encontra-se a agressão psicológica severa (18%), sendo que os outros tipos de agressões apresentam percentagens pouco significativas. Estes dados estão em consonância com os obtidos em estudos nacionais (Paiva & Figueiredo, 2004) e internacionais (Shook, Gerrity, Jurich, & Segrist, 2000). Apesar das maiores percentagens se encontrarem nos tipos de violência mais pequena, é importante não deixar de dar importância a este fato, pois como já evidenciado por outros autores a violência ocorre em escalada, aumentando de intensidade ao longo do tempo (Alarcão, 2006). É importante também ter em conta, como fator de prevenção, o fato dos casamentos abusivos serem muitas vezes precedidos de relações de namoro violentas (Matos, 2000).

Relativamente às diferenças entre géneros, no uso de determinado tipo de violência, as mulheres cometem mais atos de agressão psicológica ligeira, abuso físico ligeiro e severo e abuso físico com sequelas severo. O grupo masculino apresenta maior prevalência nas agressões que envolvem agressão psicológica severa, coerção sexual ligeira e severa e agressão física com sequelas ligeira. No entanto, a amostra é semelhante na prevalência de tipos de violência relativamente aos géneros, havendo apenas diferenças na coerção sexual ligeira. É de ressaltar ainda assim, o fato das mulheres protagonizarem muito dos atos de agressões físicas, que apesar de não serem significativos aparecem em maior prevalência do que no grupo masculino. Um estudo de Magdol et al. (1997) mostra resultados semelhantes sendo que 21.8% dos homens reportam ser agressores, contra uma maioria de 37.2% das mulheres. Uma explicação para este fenómeno é mais uma vez cultural, sendo a mulher mais desculpabilizada devido à sua menor força física e por isso à menor probabilidade de ferir o parceiro, tendo a crença de que este não retaliará (Magdol et al., 1997). Esta desculpabilização da mulher pode levar a um menor relato dos homens quanto à vitimização, adicionado à vergonha de admitir ser uma vítima numa sociedade em que o homem é o detentor da força. Uma outra explicação será que estes atos de violência feminina podem ser usados como defesa contra atos prévios de violência. Neste caso, é importante ter em conta que esta tolerância cultural quanto à violência feminina de pequena escala, pode comprometer o autoconhecimento dessas mulheres do seu próprio comportamento abusivo e desvalorizar os homens na sua posição de vítimas (Price & Bryers, 1999).

Em termos de prevalência de agressão na área de formação é a área de Psicologia que aparece com a prevalência mais alta, seguindo-se a área de Tecnologia, as Outras Áreas e por fim a área do Direito e Ciências Sociais. No entanto, apenas se encontram diferenças significativas entre as áreas na negociação cognitiva e no abuso físico ligeiro. No abuso físico ligeiro são as áreas da Psicologia e do Direito e Ciências Sociais e as áreas do Direito e Ciências Sociais e Outras Áreas que apresentam diferenças significativas. Um fator que pode contribuir para a maior prevalência de violência na área de Psicologia é o fato da amostra ser essencialmente do género feminino.

5.4. Relação entre aceitabilidade da agressão e tipos de consumo de álcool, entre agressão e aceitabilidade da agressão e predição da aceitabilidade da agressão

Encontram-se relações entre aceitabilidade da violência e tipos de consumo de Álcool, com os consumos mais altos a apresentarem valores de maior justificabilidade da violência, quando comparadas com os consumos mais baixos. Estes resultados podem ser explicados por estudos anteriores em que o período de intoxicação é visto como um período de *time out* onde as punições sociais comuns não se aplicam e por isso a maior desculpabilização da agressividade nestes casos (MacAndrew & Edgerton, 1969). Uma outra explicação que sustenta estes resultados é a de Zhang, Welte e Wieczorek (2002) que ao explicar a teoria do *deviance disavowal* indicam que um individuo quando alcoolizado tem mais tendência a cometer atos agressivos devido à desresponsabilização cultural do comportamento humano quando sob efeito do álcool. É assim compreensível que a aceitabilidade da violência se encontre nos padrões de consumo mais altos, pois é nestes casos que os *scripts* culturais acima descritos surtem mais efeito. Neste caso, é importante alertar para o perigo da relação entre justificação da violência e consumo de álcool, considerando o grande risco de atos violentos quando esta consonância ocorre (Kantor & Straus, 1987; Zhang, Welte, & Wieczorek, 2002).

No que toca à relação entre aceitabilidade da violência e violência, apenas na história 1 (violência entre uma família de estatuto socioeconómico elevado) os sujeitos violentos demonstram ter crenças de maior legitimidade sobre violência quando comparados com os sujeitos que não cometeram atos de violência. Apesar de não haver informação suficiente para compreender esta relação, ficam aqui os indicadores para pesquisas futuras.

Relativamente à predição da aceitabilidade da agressão, verifica-se que o sexo, o consumo de substâncias e as experiências de violência na infância são preditores para o estabelecimento de crenças a favor da violência, explicando o modelo 24,5% da variabilidade da aceitabilidade da agressão. Relações entre estas variáveis foram encontradas por investigadores como MacAndrew e Edgerton (1969) e Zhang, Welte e Wieczorek (2002) que, como foi referido, relacionam o consumo de substâncias com as atitudes sobre os agidos sob o efeito de álcool e consequências desses atos. A relação entre experiências passadas de violência (embora fraca neste estudo) foi também documentada como tendo

correlações com atitudes a favor da violência (Vandello & Cohen, 2003). Por fim, na literatura, é inegável o papel do género nas atitudes quanto à violência (Bryant & Spencer, 2003; Caron & Carter, 1997; Kim-Goh & Baello, 2008; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003; Price, & Byers, 1999; Stickley, Kislitsyna, Timofeeva, & Vagero, 2008; Wesley & Craig-Henderson, 2006).

VI- Conclusões

Os estudantes da Universidade de Coimbra evidenciam padrões elevados de consumo de substâncias psicotrópicas. É também importante sublinhar que, apesar da formação destes estudantes, existem ainda crenças enraizadas de legitimidade de violência em determinadas situações, muito em função dos contextos. Encontraram-se também relações entre consumo de substâncias e aceitabilidade da violência assim como entre aceitabilidade da agressão e agressão. Apesar de não ter sido feito um estudo de predição de violência, devido à falta de dados na amostra, o estudo de predição da aceitabilidade da violência mostra-se conclusivo. Sendo assim, e apesar de não ter sido estudado nesta investigação, os altos consumos de substâncias e as crenças que existem sobre aceitabilidade da violência, podem indicar padrões de violência ainda mais altos do que aqueles reportados (diminuídos possivelmente, pela desejabilidade social). Todos estes dados, apesar de apenas indicadores, mostram-se preocupantes remetendo para a necessidade de uma intervenção precoce. Esta intervenção deve expressar-se num processo de aprendizagem contínuo, mudando crenças sobre violência, sobre géneros e sobre consumo de substâncias, permitindo alertar a população para os perigos que a rodeiam quando entram nestes ciclos. Por último, este estudo foca-se essencialmente nas representações, porque acredita-se serem as crenças que levam às atitudes, e estas aos comportamentos. Como tal, o foco inicial da intervenção deve ser a modificação das crenças. De forma a poder sustentar esta ideia, propõem-se a realização de estudos noutras culturas, tornando possível comparar a diferença nos comportamentos sob o efeito de substâncias psicotrópicas e assim conseguir compreender, se uma das chaves para a resolução deste problema passa pela identificação das crenças. A ideia de intervenção não será tentar arranjar um script de crenças ideal e global, mas sim tentar modifica-las para que haja respeito mútuo nas relações, evitando situações de violência que geram sofrimento e desequilíbrio emocional na população.

6.1. Limitações do estudo e Indicações Futuras

Por se tratar de uma amostra não clínica, os resultados dos testes administrados foram na sua maioria baixos, impossibilitando comparações significativas de relações como, por exemplo, dependência de álcool e/ou Drogas e nível de violência íntima. Uma outra limitação foi a não inserção no estudo da variável *status* económico, devido aos *missings* no questionário sociodemográfico. Esta variável tem sido utilizada noutros estudos,

constatando-se ser um importante preditor da justificabilidade da agressão, dos consumos de substâncias psicotrópicas e dos comportamentos violentos. Por último, a grande extensão do questionário, assim como o fato deste remeter para situações de intimidade do sujeito, pode ter levado a respostas menos sinceras e marcadas pela desejabilidade social.

Seria interessante, em estudos próximos, ter a possibilidade de comparar uma amostra clínica com uma amostra não clínica. Desta forma poder-se-ia observar de modo mais claro se existem diferenças entre as pontuações dos vários questionários administrados e nas relações posteriores entre variáveis. Seria também complementar a inserção de um questionário de personalidade, visto haver inúmeros estudos que ligam a violência à personalidade antissocial e ao transtorno pós-traumático, podendo assim a existência de patologia servir como variável de controlo. Por último, sendo um estudo que já está a decorrer, será interessante comparar nas diferentes culturas, as crenças sobre a violência, o consumo de substâncias e os atos de violência, de forma a compreender até que ponto esta ligação entre consumo-crenças-violência será um fenómeno cultural socialmente apreendido, e por isso com diferentes respostas de cultura para cultura.

Bibliografia

- Aguilar, R. I. (2010) *Representações sociais em torno da violência conjugal: estudo de validação do questionário de violência conjugal: histórias (QRVC-HIS) e do questionário de violência conjugal: causas, manutenção e resolução (QVC-CMR) com uma amostra da população geral* (Tese de Mestrado não Publicada). FPCE-UC, Coimbra.
- Antunes, R., Machado, C. (2005). Dupla Invisibilidade: a Violência nas relações Homossexuais. *Psicologica*, 39, 167-187.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2003). *Relatório penélope sobre violência doméstica no sul da europa*. Retrieved from http://www.apav.pt/pdf/relatorio_penelope.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Estatísticas APAV – Relatório anual 2011*. Retrieved from http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_RelatorioAnual_2011.pdf
- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., Monteiro, M. G. (2001). AUDIT- The Alcohol use Disorders Identification Test- Guidelines for use in primary care. *World Health Organization- Department of Mental Health and Substance Dependence*. Switzerland: World Health Organization
- Berman. A. H., Bergman, H. Palmstierna, T., Schlyter, F. (2003). DUDIT- The Drug Use Disorders Identification Test. *Department of Clinical Neuroscience*. Stockholm, Sweden: Karolinska Institutet
- Boles, S., & Miotto, K. (2003). Substance of violence: a review of the literature. *Agression and Violent Behavior*, 8 (2), 155-174. Retrieved from <https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=200558>
- Bryant, S. A., Spencer, G. A. (2003). University Students Attitudes about Attributing Blame in Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 18, (6), 369-376. doi: 10.1023/A:1026205817132
- Casimiro, C. (2002). Representações Sociais de Violência Conjugal. *Análise Social*, 37, (163), 603-630. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218733193N7ILR3rn1Yd68RN0.pdf>
- Caron, S. L., Carter, D. B. (1997). The Relationships Among Sex Role Orientation, Egalitarianism, Attitudes Toward Sexuality, and Attitudes Toward Violence Against Woman. *The Journal of Social Psychology*, 137, (5), 568-587. Retrieved from <http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=3&sid=b477a6c8-ef10-4f6b-b1a7-30f7a5a82e05%40sessionmgr12&hid=27&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=pbh&AN=9711110257>
- Dias, I. (2004b). Violência sobre as mulheres e os idosos. *Psicologica*, 36, 33-61.

- Draucker, C. B., Martsolf, D., Stephenson, P., Risko, J., Heckman, T., Sheehan, D., Perkins, S., Washington, K., Cook, C., Ferguson, C. (2010). Aggressive Events in Adolescent Dating Violence. *Issues in Mental Health Nursing, 31*, 599-610. doi: 10.3109/01612841003793056
- Eckstein, J. J. (2011). Reasons for Staying in Intimately Violent Relationships: Comparisons of Men and Woman and Messages Communicated to Self and Others. *Journal of Family Violence, 26*, 21-30. doi: 10.1007/s10896-010-9338-0
- El-Bassel, N., Gilbert, L., Wu, E., Go, H., Hill, J. (2005). Relationship Between Drug Abuse and Intimate Partner Violence: A Longitudinal Study Among Woman Receiving Methadone. *American Journal of Public Health, 95*, (3), 465-470. doi: 10.2105/AJPH.2003.023200
- Fals-Stewart, W. (2003). The Occurrence of Partner Physical Aggression on Days of Alcohol Consumption: A Longitudinal Diary Study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*, (1), 41-52. R etrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12602424>
- Gelles, R. J. (1997), *Intimate Violence in Families*. 3rd edition. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Graham, K., Leonard, K.E, Robin, R., Wild, T.C., Pihl, R.O., Bois, C., & Single, E. (1998). Current directions in research on understanding and preventing intoxicated aggression. *Addiction, 93* (5), 659-676. Retrieved from http://www.uofaweb.ualberta.ca/amhrl/pdf/Graham_et_al_1998.pdf
- Greenfield LA, Rand MR, Craven D, Klaus PA, Perkins CA, Ringel C, Wrachol F, Maston C, Fox JA. (1998). Violence by Intimates: Analysis of Data on Crimes by Current or Former Spouses, Boyfriends, and Girlfriends. *NCJ No. 167237*. Washington, DC: U.S. Department of Justice Office of Justice Programs Bureau of Justice Statistics. Retrieved from <https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=167237>
- European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs (2011). *The 2011 ESPAD report - Substance use among students in 36 european countries*. Retrieved from http://www.espad.org/Uploads/ESPAD_reports/2011/The_2011_ESPAD_Report_FULL_2012_10_29.pdf
- Hutchison, I.W. (1999). The effect of children's presence on alcohol use by spouse abusers and their victims. *Family Relations, 48*, (1), 57. Retrieved from <http://www.jstor.org/discover/10.2307/585683?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21101825212113>
- Jin, X., Eagle, M., Yoskioka, M. (2007). Early Exposure to Violence in the Family of Origin and Positive Attitudes Towards Marital Violence Chinese Immigrant Male Batterers Vs. Controls. *Journal of Family Violence, 22*, 211-222. doi: 10.1007/s10896-007-9073-3
- Johnson, M. P. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence against Woman. *Journal of*

- Marriage and the Family, 57, (2), 283-294. Retrieved from <http://www.jstor.org/discover/10.2307/353683?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21101825212113>
- Kantor, G., & Jasinski, J. (1998). Dynamics and risk factors in partner violence. In J. Jasinski & L. Williams (Coords.). *Partner violence, a comprehensive review of 20 years of research* (pp.1-43). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Kantor, G. K. & Straus, M. A. (1987). The Drunken burn theory of wife beating. *Social Problems*, 34, 213-230. Retrieved from <http://pubpages.unh.edu/~mas2/VB4.pdf>
- Kim-Goh, M., Baello, J. (2008). Attitudes Toward Domestic Violence in Korean and Vietnamese Immigrant Communities: Implication for Human Services. *Journal of Family Violence*, 23, 647-654. doi: 10.1007/s10896-008-9187-2.
- Kyriacou, D.N., Anglin, D.,Taliaferro, E., Stone, S., Tubb, T., Linden, J. A., Muelleman, R., Barton, E., Kraus, J. F. (1999). Risk factors for injury to women from domestic violence against women. *The New England Journal of Medicine*, 341, (25), 1892-1898. doi: 10.1056/NEJM199912163412505
- Lagerspetz, K. M. J., Westman, M. (1980). Moral Approval of Aggressive Acts: A Preliminary Investigation. *Aggressive Behaviour*, 6, 119-130. doi: 10.1002/1098-2337
- Lempert, L. B. (1996). Women`s Strategies for Survival: Developing Agency in Abuse Relationships. *Journal of Family Violence*, 11, 3.
- MacAndrew, C., Edgerton, R.B. Drunken Compartment: A social explanation. *Revised by Lorraine T. Midanik*. doi: 10.1007/BF02336945
- Machado, C., Caridade, S., Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52. Doi: 10.1007/s10896-009-9268-x.
- Machado, C., Matos, M., Moreira, A. I. (2003). Violências nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magdol, L., Moffit, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Silva, P. A. (1991). Gender Differences in Partner Violence in a Birth Cohort of 21-year-olds: Bridging the Gap Between Clinical and Epidemiological Approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, (1), 68-78. Retrieved from <http://domestic-violence.martinsewell.com/Magdol-et-al1997.pdf>
- Markawaitz, F. E. (2001). Attitudes and Family Violence: Linking Intergenerational and Cultural Theories. *Journal of Family Violence*, 16, (2), 205-218. Retrieved from <http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=12&sid=b477a6c8-ef10-4f6b-b1a7-30f7a5a82e05%40sessionmgr12&hid=27&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=pbh&AN=5041297>

- Makepeace, J., M. (1981). Courtship Violence Among College Students. *Family Relations*, 30, 97-102. Retrieved from <http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=11&sid=b477a6c8-ef10-4f6b-b1a7-30f7a5a82e05%40sessionmgr12&hid=27&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=pbh&AN=18331408>
- Matos, M. (2000). Violência conjugal: O processo de construção da identidade da mulher. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho
- Mignone, T., Klostermann, K., Chen, R. (2009). The Relationship Between Relapse to Alcohol and Relapse to Violence. *Journal of Family Violence*, 24, 497-505. doi: 10.1007/s10896-009-9248-1
- Moscovici, S. (1972). *Introduction à la psychologie sociale*. Vol I: livres sciences humaines et sociaux. Paris: Librairie Larousse.
- Nayak, M. B., Byrne, C. A., Martin, M. K., Abraham, A. G. (2003). Attitudes Toward Violence Against Woman: A Cross-Nation Study. *Sex Roles*, 49, 333-342. doi: 10.1023/A:1025108103617
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2002). *Versão Portuguesa do questionário "Revised Conflict Tactics Scale" (CTS-2, Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996)*. Universidade do Minho, Braga. Manuscrito não publicado.
- Paiva, C., Figueiredo, B. (2004). Abuso no Relacionamento Intimo: Estudo de Prevalência em Jovens Adultos Portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Phil, R. O. & Peterson, J. B. (1995) Alcoholism: the role of different motivational systems. *Journal of Psychiatry and Neuroscience*, 20, 372-396. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1188721/>
- Porto, M. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 16, 250-273. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a10n16.pdf>
- Prendergast, M., L. (2010). Substance Use and Abuse among College Students: A Review of Recent Literature. *Journal of American College Health*, 43, (3), 99-113. doi: 10.1080/07448481.1994.9939094
- Price, E. L., Byers, E. S. (1999). The Attitudes Towards Dating Violence Scales: Development and Initial Validation. *Journal of Family Violence*, 14, (4), 351-375. doi: 10.1023/A:1022830114772
- Sarantakos, S. (1999). Husband Abuse: Fact or Fiction?. *Australian Journal of Social Issues*, 34, (3), 231-252. Retrieved from http://ss1.spletnik.si/4_4/000/000/281/a0e/Husband-abuse.pdf
- Schneider, R., Burnette, L. M., Ilgen, A. M. & Timko, C. (2009). Prevalence and Correlates of Intimate Partner Violence Victimization Among Men and Women Entering Substance Use Disorder Treatment. *Violence and Victims*, 24, (6), 744-756.

- Shook, N. J., Gerrity, D. A., Jurich, J., Segrist, E. A. (2000). Courtship Violence Among College Students: A Comparison of Verbally and Physically Abusive Couples. *Journal of Family Violence*, 15, (1), 1-22. doi: 10.1023/A:1007532718917
- Shore, B. (1996). *Culture in mind: Cognition, culture, and the problem of meaning*. New York:Oxford University Press. Retrieved from <http://www.scribd.com/doc/31084476/Culture-in-Mind-Cognition-Culture-and-the-Problem-of-Meaning>
- Stickley, A., Kislitsyna, O., Timofeeva, I., Vagero, D. (2008). Attitudes Toward Intimate Partner Violence Against Women in Moscow, Russia. *Journal of Family Violence*, 23, 447-456. doi: 10.1007/s10896-008-9170-y
- Stalans, J. L., Ritchie, J. (2008). Relationship of Substance Use/Abuse with Psychological and Physical Intimate Partner Violence: Variations Across Living Situations. *Journal of Family Violence*, 23, 9-24. doi: 10.1007/s10896-007-9125-8
- Summers, G., Feldman, N. S. (1984). Blaming the Victim Versus Blaming the Perpetrator: an Attributional Analysis of Spouse Abuse. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 2, (4), 339-347. doi: 10.1521/jscp.1984.2.4.339
- Tehee, M., Esqueda, C. W. (2008). American Indian and European American Women's Perceptions of Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, 23, 25-35. doi: 10.1007/s10896-007-9126-7
- Thompson, P. M., Kingree, B. J. (2004). The Role of Alcohol Use on Intimate Partner Violence and Nonintimate Partner Violence. *Violence and Victims*, 19, (1), 63-74.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala, & M., B. Monteiro, (Coords.), *Psicologia social* (pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vandello, J. A., Cohen, D. (2003). Male Honor and Female Fidelity: Implicit Cultural Scripts that Perpetuate Domestic Violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, (5), 997-1010. Retrieved from <ftp://psyftp.mcmaster.ca/dalywilson/sshrc2004/honorScripts.pdf>
- Walker, J., S., Bright, J., A. (2009). False inflated self-esteem and violence: a systematic review and cognitive model. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 20, 1-32. doi: 10.1080/14789940701656808
- Warneke, L. B. (1991). Benzodiazepines: Abuse and New Use. *Canadian Journal of Psychiatry*, 36 (3) 194-205. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=search.displayRecord&UID=1991-28390-001>
- Wesley, L. Craig-Henderson, K. M. (2006). An Exploratory Study of the Relationship Between Dispositional Aggression and Judgments About Batterers Among African American Adults: Does More of the Formes influence the Latter?. *Journal of Family Violence*, 21, 487-495. doi: 10.1007/s10896-006-9046-y

Zhang, L., Welte, J. W., Wieczorek, W. W. (2002) The Role of Agression-Related Alcohol Expectancies in Explaining the link Between Alcohol and Violent Behaviour. *Substance use & Misuse*, 37 (4), 457-471. Retrieved from <http://informahealthcare.com/doi/abs/10.1081/JA-120002805>

ANEXO I- Resultados do QRVC-HIS por Áreas de Estudo

Tabela 7. Causas da violência Conjugal por Áreas de Estudo (QVC-CMR)

	Psicologia	Direito e CS	Tecnologia	Outras Áreas
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Causas				
Álcool e Drogas	59 (72.8)	72 (83.7)	84 (83,2)	71 (86,6)
Doença Mental do Agressor	46 (56.8)	48 (55.5)	58 (57.4)	47 (57.3)
Baixo grau de instrução do agr.	17 (21)	25 (29.1)	41 (40.6)	27 (32.9)
Baixa autoestima do agr.	47 (58)	37 (43)	31 (30.7)	30 (36.6)
Doença Mental da Vítima	8 (9.9)	11 (12.8)	17 (16.8)	13 (15.9)
Comport. provocador da Vit.	3 (3.7)	20 (23.3)	21 (20.8)	12 (14.8)
Fragilidadeemoc. Da vit.	36 (44.4)	40 (46.5)	23 (22.8)	19 (23.2)
Interferência de outros Familiares	5 (6.2)	11 (12.8)	18 (17.8)	9 (11)
Prob./Dif. criados pelos filhos	2 (2.5)	8 (9.3)	8 (7.9)	3 (3.7)
Relações extraconjugais	21 (25.9)	38 (44.2)	57 (56.4)	30 (36.6)
Antecedentes de violência	63 (77.8)	49 (57)	57 (56.4)	53 (64.6)
Aceitação social da violência	34 (42)	29 (33.7)	21 (20.8)	21 (25.6)
Isolamento Social	33 (40.7)	18 (20.9)	25 (24.8)	24 (29.3)
Dificuldades económicas	33 (40.7)	37 (43)	44 (43.6)	35 (42.7)

Tabela 9. Fatores de Manutenção da violência Conjugal por Áreas de Estudo (QVC-CMR)

	Psicologia	Direito e CS	Tecnologia	Outras Áreas
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Manutenção				
Ausência de denúncia	66 (81.5)	66 (76.7)	87 (86.1)	74 (90.2)
Falta de confiança na justiça	29 (35.8)	38 (44.2)	46 (45.5)	36 (43.9)
Valorização da união Fam.	11 (13.6)	15 (17.4)	24 (23.8)	18 (22)
Existência de filhos	39 (48.1)	39 (45.3)	39 (38.6)	34 (41.5)
Isolamento Social	37 (45.7)	34 (39.5)	41 (40.6)	25 (30.5)
Falta de conhec. da Vit. Sobre como pedir ajuda	19 (23.5)	28 (32.6)	40 (39.6)	26 (31.7)
Ambivalência da vít. face ao agressor	43 (53.1)	24 (27.9)	19 (18.8)	20 (24.4)
Medo de retaliações	48 (59.3)	53 (61.6)	59 (58.4)	44 (53.7)
Desconhec. Da vit. Sobre os seus direitos	9 (11.1)	12 (14)	18 (17.8)	5 (6.1)
Ameaça de suicídio por parte do agressor	11 (13.6)	25 (29.1)	17 (16.8)	13 (15.9)
Promessas de mudança	60 (74.1)	60 (69.8)	73 (72.3)	62 (75.6)
Ternura do agre. fora dos momentos de viol.	31 (38.3)	38 (44.2)	44 (43.6)	38 (46.3)

Tabela 11. Fatores de resolução da violência conjugal por Áreas de Estudo (QVC-CMR)

	Psicologia	Direito e CS	Tecnologias	Outras Áreas
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Resolução				
Afastar o agressor	39 (48.1)	55 (64)	64 (63.4)	53 (64.6)
Condenar mais agressores	39 (48.1)	46 (53.5)	62 (61.4)	48 (58.5)
Estimular a denúncia	77 (95.1)	80 (93)	81 (80.2)	73 (89)
Estimular a separação/Div.	15 (18.5)	18 (20.9)	24 (23.8)	16 (19.5)
Proteger a Vitima e os filhos	71 (87.7)	69 (80.2)	74 (73.3)	61 (74.4)
Mudar o comport. da vitima	26 (32.1)	22 (25.6)	27 (26.7)	19 (23.2)
Tratar o agressor	41 (50.6)	36 (41.9)	57 (56.4)	33 (40.2)
Tratar o casal	24 (29.6)	30 (34.9)	14 (13.9)	19 (23.2)
Informar mais a população geral	49 (60.5)	47 (54.7)	41 (40.6)	39 (47.6)
Melhorar as condições socioeconómicas das famílias	11 (13.6)	14 (16.3)	23 (22.8)	14 (17.1)
Aumentar os direitos da mulher	7 (8.6)	7 (8.1)	8 (7.9)	7 (8.5)
Aumentar os tempos de lazer das famílias	4 (4.9)	9 (10.5)	16 (15.8)	7 (8.5)

ANEXO II- consumo de Substâncias Psicotrópicas

Tabela 12. Consumo de substâncias por género

	Total	Masculino	Feminino
	n (%)	n (%)	n (%)
Substâncias			
Álcool	313 (89.4)	141 (94.6)	172 (85.6)
Haxixe	79 (22.6)	39 (26.2)	40 (19.9)
Marijuana	108 (30.9)	59 (39.6)	49 (24.4)
Ácidos	9 (2.6)	5 (3.4)	2 (1.3)
Cocaína	12 (3.4)	4 (2.7)	8 (4)
Tranquilizantes	12 (3.4)	2 (1.3)	10 (5)
Analgésicos	19 (5.4)	5 (3.4)	14 (7)
Cogumelos	9 (2.6)	5 (3.4)	4 (2)
Ecstasy	14 (4)	5 (4)	8 (4)
Tabaco	190 (54.3)	92 (61.7)	98 (48.8)

Tabela 13. Consumo de substâncias por área de estudo

	Psicologia	Direito	Tecnologia	Outras
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Substâncias				
Álcool	69 (85.2)	80 (90.3)	96 (95)	68 (82.9)
Haxixe	13 (16)	22 (25.6)	23 (22,8)	21 (25.6)
Marijuana	19 (23.5)	23 (26.7)	36 (35.6)	30 (36.6)
Ácidos	1 (1.2)	3 (3.5)	2 (2)	3 (3.7)
Cocaína	3 (3.7)	2 (2.3)	1 (1)	6 (7.3)
Tranquilizantes	2 (2.5)	6 (7)	1 (1)	3 (3.7)
Analgésicos	6 (7.4)	6 (7)	1 (1)	6 (7.3)
Cogumelos	1 (1.2)	2 (2.3)	3 (3)	3 (3.7)
Ecstasy	2 (2.5)	4 (4.7)	3 (3)	5 (6.1)
Tabaco	33 (40.7)	49 (57)	61 (60.4)	47 (57.3)

ANEXO III- Resultados do CTS-2 (Cronicidade)

Tabela 19. Violência nas relações amorosas por sexo (CTS-2-Cronicidade)

	Masculino (n= 63)	Feminino (n= 119)	Total (n= 182)
	m (DP)	m (DP)	m (DP)
Negociação			
Emocional	46.28 (21.97)	45 (22)	45.48 (21.9)
Cognitiva	28.7 (16.55)	29.39 (17.34)	29.1 (17)
Agressão			
Psicológica			
Ligeira	10.50 (17.93)	10.47 (14.37)	10.48 (15.65)
Severa	3.95 (9.76)	1.03 (3.50)	2 (6.52)
Abuso			
Físico			
Ligeiro	1.36 (4.15)	1.93 (4.83)	1.7 (4.6)
Severo	1.61 (9.13)	0.60 (3.10)	0.95 (5.92)
c/Sequelas	1.03 (4.87)	0.17 (0.99)	0.47 (2.99)
Coerção			
Sexual			
Ligeira	5.17 (9.92)	2.44 (6.57)	3.39 (7.97)
Severa	1.01 (6.14)	0.06 (0.73)	0.39 (3.67)